

MEGAFONE NA ESCOLA

Os desafios do segundo segmento do Ensino Fundamental na opinião de alunos e professores do Rio de Janeiro





MEGAFONE NA ESCOLA

Os desafios do segundo segmento do Ensino Fundamental
na opinião de alunos e professores do Rio de Janeiro



Instituto Desiderata
Rio de Janeiro
1ª Edição
2011



CATALOGAÇÃO NA FONTE

159 Instituto Desiderata
Megafone na escola: os desafios do segundo segmento do Ensino Fundamental na opinião de alunos e professores do Rio de Janeiro / Instituto Desiderata. – Rio de Janeiro: O Instituto, 2009.
82 p. ; 23x25 cm.

ISBN: 978-85-61279-04-2

1. Educação - Ensino fundamental - Rio de Janeiro (RJ).
2. Professores e alunos - Rio de Janeiro (RJ). I. Título.

CDU 37.046.12(816.3)



Rua Visconde de Pirajá, 550/1303
Ipanema – Rio de Janeiro – RJ
22410-901
Tel. 2529-8347
www.desiderata.org.br
desiderata@desiderata.org.br

REALIZAÇÃO
Instituto Desiderata

PARCERIA TÉCNICA E APOIO
Instituto Paulo Montenegro

TEXTO
Beatriz Azeredo
Joana Milliet
Roberta Costa Marques

REVISÃO
Flávia Leiroz

ILUSTRAÇÃO
José Carlos Braga

FOTOS
Programa Agência-Escola Imagens do Povo /
Observatório de Favelas do Rio de Janeiro

Adair Aguiar	Monara Barreto
Dalton Veiga	Naíma Silva
Davi Marcos	Naldinho Lourenço
Edmilson de Lima	Paulo Barros
Elisângela Leite	Ratão Diniz
Giu Alface	Rovena Rosa
Ingrid Cristina	Thais Morelli
Jucemar Alves	Walter Mesquita
Leo Lima	

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Refinaria Design

IMPRESSÃO
Sol Gráfica

Esse livro foi composto nas tipografias Praxis e Arnold 2.1. Foi impresso em fevereiro de 2011, em papel couché matte 150g/m² (miolo) e papel duodesign 300g (capa), acabamento de corte reto com lombada quadrada. Formato 250x230mm, tiragem 1000 exemplares.

Sumário

Apresentação	07
Megafone na Escola	11
Oficinas e trabalho de campo	19
Resultados da pesquisa	41
Dialogando sobre os resultados	55
Dia do Megafone nas Escolas	65
Liga o Megafone!	75
Quem participou e materiais.....	81



Criado em 2003, no Rio de Janeiro, o Instituto Desiderata tem por missão trabalhar para o fortalecimento de políticas públicas em saúde e educação que proporcionem às crianças e aos adolescentes: diagnóstico precoce e excelência no tratamento do câncer e Ensino Fundamental de qualidade.



Apresentação

Esta publicação apresenta a experiência do **Megafone na Escola**, uma pesquisa participativa sobre os desafios do segundo segmento do Ensino Fundamental no Rio de Janeiro.

A idéia foi a de realizar um diagnóstico dessa etapa de ensino, que possui grandes peculiaridades – com mudanças na organização escolar e na vida do aluno com a adolescência – e apresenta indicadores preocupantes, com altas taxas de evasão e defasagem idade-série.

E optou-se por envolver, desde o início, a comunidade escolar, em especial os alunos, na reflexão sobre a escola e na produção de conhecimento. Foi um intenso processo de escuta e debate, no qual a voz da escola se fez presente por meio de 134 alunos entrevistadores de 8º e 9º anos, 2.194 alunos entrevistados de 6º e 7º anos e 277 professores de 39 escolas.

Além do entusiasmo e compromisso de alunos e professores o trabalho contou com a abertura da rede municipal e a parceria técnica do Instituto Paulo Montenegro e do Centro de Promoção da Saúde (Cedaps).

Mais do que um diagnóstico, o Megafone na Escola, se mostrou, na prática, uma estratégia potente de promoção de diálogo, mobilização e melhoria do clima escolar. Assim como os dados gerados pela pesquisa, a aproximação entre alunos mais novos e alunos mais velhos e desses com os professores, e o reconhecimento das diferentes perspectivas sobre problemas enfrentados em comum.

Os dados produzidos por essa consulta participativa foram debatidos em diversos espaços, envolvendo comunidade escolar, gestores e especialistas. As questões apontadas são de natureza e grau de complexidade diversos, mas todo o trabalho preparou um fértil terreno para construção coletiva de estratégias de mudanças a partir da própria escola, além de fornecer subsídios para a agenda pública em curso voltada para o segundo segmento.

É com satisfação que o Instituto Desiderata disponibiliza o conhecimento gerado pelo Megafone na Escola para a rede municipal e para todos os interessados no campo educacional. E reafirma o seu compromisso com os desdobramentos deste processo e com o fortalecimento das políticas públicas de educação da cidade do Rio de Janeiro.



A Escola como protagonista na construção participativa do conhecimento

Acolhemos com grande interesse e entusiasmo a oportunidade de participar como parceiros técnicos do Megafone na Escola, pois, diferentemente dos inúmeros projetos que buscam fazer diagnósticos sobre escolas públicas “esquecendo” dos valores, saberes e interesses das pessoas que nelas atuam, o Megafone se propôs a construir conhecimento sobre a percepção desses atores de forma participativa.

Nossa experiência com a metodologia de consulta participativa de opinião apontava, desde o início, para as potencialidades de um processo que garantia o envolvimento qualificado de alunos e alunas adolescentes no levantamento das opiniões de seus colegas mais jovens, bem como de seus professores, com relação ao espaço e ao clima escolar, às aprendizagens, aos relacionamentos e ao papel da família na desafiante etapa de ingresso desses alunos no segundo segmento do Ensino Fundamental.

Apostamos na garra e no envolvimento de um grupo de estudantes de 8º e 9º anos, que foram os protagonistas desta ação. A convicção é a de que projetos de pesquisa de opinião construídos “com” e não “sobre” a escola permitem viabilizar um diálogo entre os membros da comunidade escolar capaz de promover a escuta de todos, provocando a reflexão, fortalecendo a articulação e levando à mobilização para ações coletivamente construídas.

Esses jovens mostraram seu comprometimento ao longo de todo o processo de formação e realização das entrevistas em campo e foram, certamente, além das expectativas, contribuindo na formulação do questionário, na análise e interpretação dos resultados e na discussão desses resultados com seus colegas na escola! A partir desse processo, estarão prontos para participar no planejamento e na implementação de ações capazes de promover mudanças efetivas no contexto escolar e, em especial, para os alunos que estão no início do segundo segmento.

O Instituto Paulo Montenegro, contando com quase 70 anos de experiência do Grupo Ibope ouvindo a opinião dos brasileiros, tem orgulho de ter podido colocar seu *expertise* a serviço desta iniciativa e espera que esta publicação, ao compartilhar as aprendizagens ocorridas ao longo do projeto, potencialize a reflexão sobre seus resultados e abra novas perspectivas para a promoção de ações compartilhadas.



MEGAFONE NA ESCOLA

O que é e como aconteceu

Contando em poucas palavras, Megafone na Escola foi um rico processo de reflexão e diálogo realizado em escolas de segundo segmento do Ensino Fundamental do Rio de Janeiro no ano de 2010.

A proposta nasceu do objetivo do Desiderata de trazer subsídios às políticas públicas de educação relacionadas à segunda etapa do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Para isso, era necessário aprofundar o conhecimento sobre esse segmento no Rio de Janeiro e estava claro que as percepções da própria comunidade escolar eram fundamentais para compor o diagnóstico. Assim surgiu a ideia de fazer uma pesquisa participativa onde os próprios alunos de 8º e 9º anos entrevistaram outros alunos de 6º e 7º anos e professores de 39 escolas da rede, batizada de Megafone na Escola.

“O Megafone na Escola vai além de uma coleta de informações, é um processo de consulta participativa que deve ser apropriado pela escola para ajudá-la a discutir as temáticas que deseja avançar”.

SIMONE MONTEIRO
Gestora de Projetos Especiais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

Toda a experiência do projeto foi bastante rica, e o processo vivido pelos participantes se mostrou tão importante quanto os resultados tabulados a partir dos questionários. Debates surgiram dentro da escola, e um caminho inovador para lidar com as questões da escola foi iniciado. O diálogo que se estabeleceu entre os adolescentes entrevistadores nas oficinas e em um espaço virtual criado, assim como em encontros realizados especialmente para professores, diretores e alunos, mostraram-se essenciais à reflexão sobre as questões peculiares a essa etapa de ensino e estimularam a participação da escola na busca das próprias soluções.

Nas páginas a seguir, o Instituto Desiderata e demais parceiros do Megafone na Escola contam em detalhes como foi essa experiência.

“Questões do segundo segmento já chegavam até a gente, mas não com os instrumentos e a qualidade que o Megafone trouxe”.

RAFAEL PARENTE
Subsecretário de Projetos Especiais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro



OBJETIVOS DO MEGAFONE NA ESCOLA

Realizar um diagnóstico participativo sobre os desafios do segundo segmento do Ensino Fundamental

- Mobilizar alunos, professores e gestores
- Contribuir para criar um espaço de reflexão e construção coletivas na rede municipal
- Dar subsídios para propostas de ação:
 - > Coordenadas pela própria escola
 - > Desenvolvidas pelo gestor público
 - > Apoiadas por parceiros





Frentes do projeto

O Megafone na Escola foi composto de diversos eixos de trabalho, tendo a pesquisa participativa como o principal, na qual 134 adolescentes de 8º e 9º anos participaram de cinco oficinas de capacitação e entrevistaram alunos de 6º e 7º anos e professores de 39 escolas de segundo segmento. Outras frentes de trabalho mostraram-se igualmente importantes no processo e apontaram para uma questão iminente nas escolas: a necessidade do diálogo entre a comunidade escolar para a melhoria do clima na escola e do aprendizado.



ENCONTROS COM PROFESSORES, DIRETORES E ALUNOS



ENTREVISTAS COM 2.194 ALUNOS E 277 PROFESSORES



CONTRIBUIÇÃO DOS 134 ALUNOS ENTREVISTADORES NAS OFICINAS E NO ORKUT



DIA DO MEGAFONE NAS ESCOLAS



QUESTIONÁRIO ON LINE - REDE DE ESCOLAS



QUESTIONÁRIO DE DIRETORES DE 39 ESCOLAS

DIÁLOGO E MELHORIA DO CLIMA ESCOLAR



Organizações envolvidas

O Megafone na Escola foi realizado a partir de parcerias com a rede municipal de ensino do Rio de Janeiro e também com instituições da sociedade civil que agregaram diferentes saberes ao longo do projeto. Isso permitiu um rico processo de diálogo e conhecimento em torno do segundo segmento e a mobilização para enfrentar as questões apontadas.



O Instituto Desiderata idealizou o projeto e coordenou a formulação de todos os materiais, a realização dos eventos, as reuniões com a Secretaria Municipal de Educação e a sistematização dos resultados. Acompanhou ainda todas as atividades nas escolas.



O Instituto Paulo Montenegro (IPM) trouxe, com base na experiência do Nepso – Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião, importantes aportes para a metodologia participativa, na qual adolescentes entrevistaram adolescentes. Além disso, o IPM conferiu suporte técnico de qualidade para seleção da amostra, formulação de questionários, tratamento estatístico e análise dos dados.



A Secretaria Municipal de Educação (SME), desde o início, abriu as portas das escolas para a parceria, valorizando

a importância dos subsídios gerados na pesquisa para a formulação de estratégias para o segundo segmento, um de seus focos prioritários.



Organização social que liderou as oficinas de capacitações de adolescentes nas escolas com metodologia que valorizou o diálogo entre os alunos. Também operacionalizou o trabalho de campo, garantindo que, em curto espaço de tempo, os questionários fossem distribuídos, aplicados e recolhidos para a análise dos resultados.



Paralelo ao processo de capacitação, foi criada uma comunidade do Megafone na Escola no Orkut, rede social já utilizada pelos adolescentes, com a mediação de uma especialista em Mídia-Educação da PUC-Rio, de forma a potencializar o processo de diálogo e registro do trabalho de campo. Além disso, um grupo de bolsistas do Departamento de Educação da PUC-Rio acompanhou todas as oficinas, oferecendo um olhar qualificado do processo em curso.

Escolas Municipais 2º segmento do Rio de Janeiro

As escolas municipais de segundo segmento aderiram prontamente ao convite feito pelo Desiderata e seus diretores, professores e alunos assumiram o compromisso com a execução do projeto, tornando possível o Megafone na Escola acontecer.



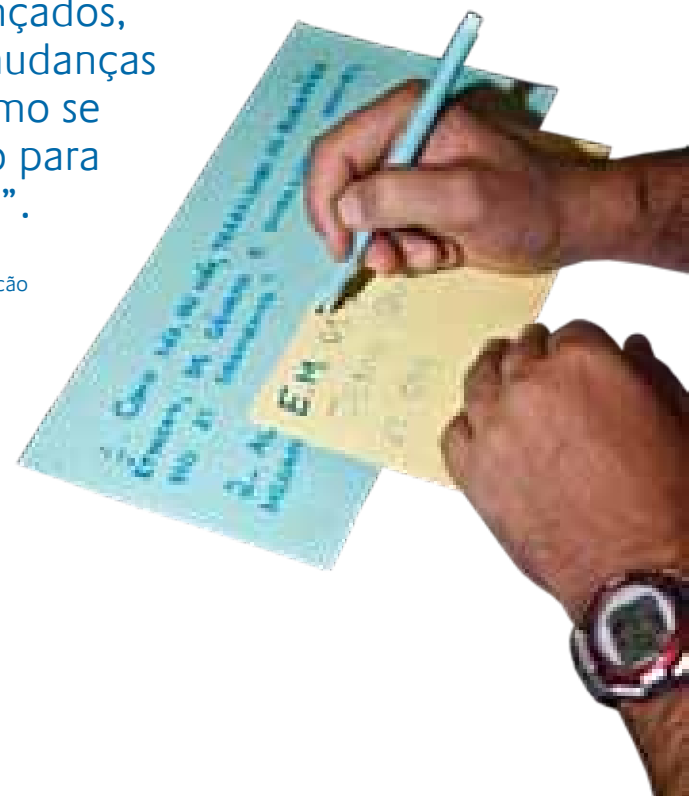
OFICINAS E TRABALHO DE CAMPO

Encontro de adesão das escolas 15.abril.2010

Definida a amostra de 40 escolas, com apoio técnico do Instituto Paulo Montenegro, chegou o momento de convidá-las para participar do Megafone. No primeiro encontro, ratificar a relevância do tema do segundo segmento, explicar a proposta e buscar a adesão dos diretores era muito importante. E isso aconteceu: 39 escolas aderiram ao Megafone e rapidamente se organizaram em cinco diferentes polos para sediar as capacitações dos adolescentes em diferentes locais da cidade: Vila Isabel, Vila Kosmos, Vila Valqueire, Taquara e Campo Grande.

“Com os objetivos propostos alcançados, quais as reais mudanças esperadas e como se dará o processo para tais mudanças?”.

MÁRCIA VEIGA
Diretora da E.M. Waldemar Falcão



A seleção das 40 escolas (aproximadamente 10% da rede) feita pelo IPM procurou abarcar a diversidade da rede a partir dos seguintes critérios:

- Localização geográfica
- Número de alunos
- Escolas com o 1º e o 2º segmentos e aquelas com apenas o segundo
- Escolas integrantes ou não do programa Escolas do Amanhã¹
- Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- Escolas que oferecem as 4 séries do segundo segmento do Ensino Fundamental

¹ Programa da Secretaria Municipal de Educação que apóia, com educação integral em parceria com organizações sociais, 153 escolas em áreas consideradas conflagradas no Rio de Janeiro.



“Nossos alunos evadem no próprio espaço escolar. A escola dá prazer para eles. A educação que estamos proporcionando é que não está dando prazer ainda”.

CLÁUDIA MEDINA
Diretora do Ciep Ismael Nery



“Estamos aqui, hoje, por uma questão muito importante: entender as questões do segundo segmento do Ensino Fundamental, algo que nem a cidade do Rio nem o Brasil estão olhando direito neste momento”.

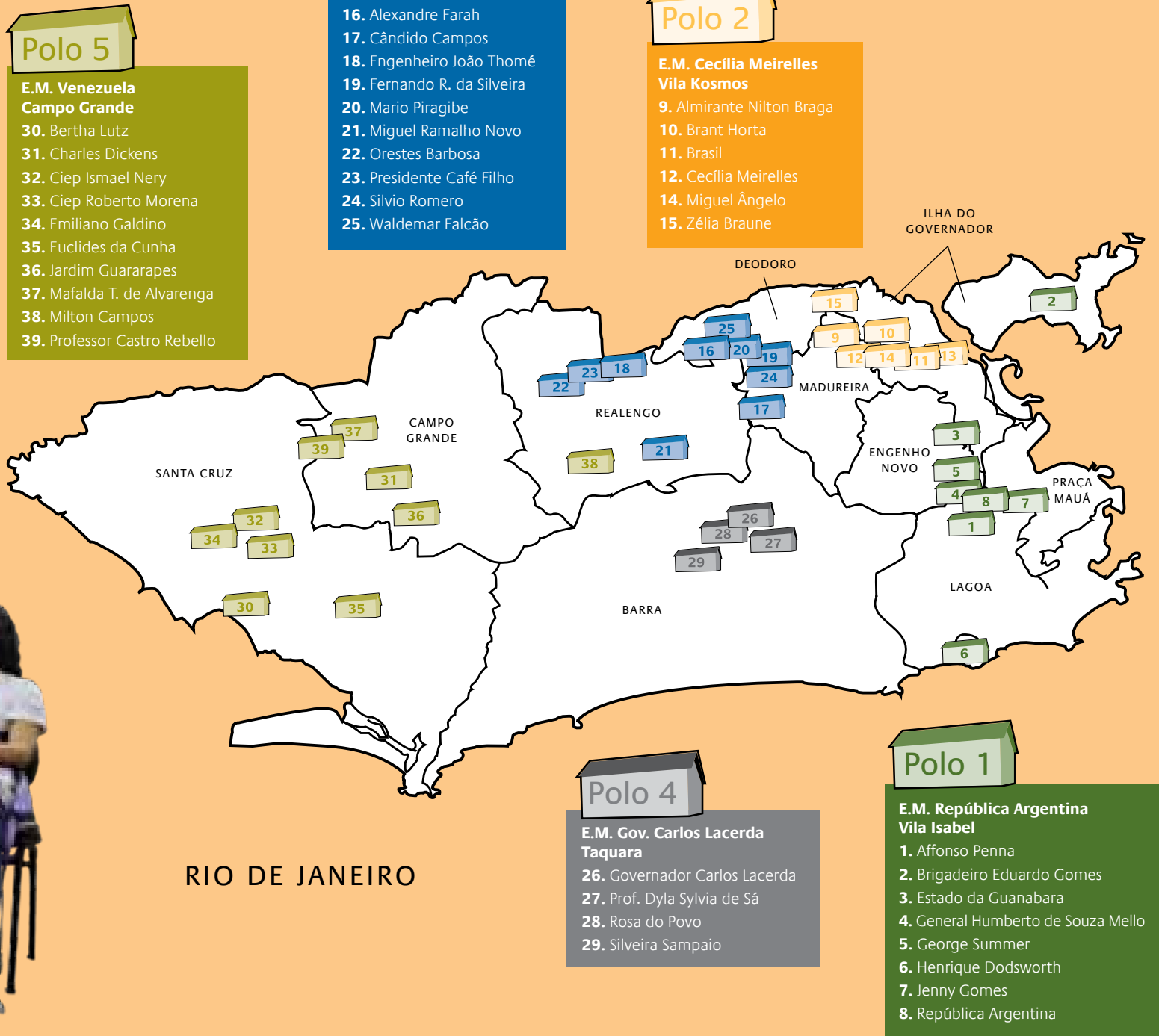
RAFAEL PARENTE
Subsecretário de Projetos Estratégicos da
Secretaria Municipal de Educação

“Após a pesquisa feita, o projeto continuará? Com que objetivos?”.

MARIA INÊS DANTAS
Coordenadora Pedagógica da
E.M. Engenheiro João Thomé



Escolas participantes





Passo a passo

As oficinas com os alunos entrevistadores e o trabalho de campo ocorreram no período de maio a julho. Foi um esforço concentrado de 3 meses de trabalho, com 25 encontros com os 134 adolescentes (cinco oficinas em cada polo) e o trabalho de campo em 39 escolas, com 2.194 alunos e 277 professores entrevistados.

1ª OFICINA
Conteúdo do Questionário de alunos;
Técnicas e ética na pesquisa

2ª OFICINA
Adequação do questionário e
Diário de Campo em diversas linguagens

TRABALHO DE CAMPO

MAIO

**ENCONTRO DE ADESÃO
DOS ALUNOS**

PRÉ-TESTE

3ª OFICINA
Conteúdo do Questionário
de professores

4ª OFICINA
Discussão dos Resultados

JULHO



Encontro de adesão dos alunos

3 a 12.maio.2010

O primeiro passo para as escolas foi a indicação de quatro alunos para participarem como entrevistadores e um professor de referência para acompanhar as oficinas e a aplicação do questionário pelos alunos.

Para garantir a efetiva participação nas oficinas e a responsabilidade de aplicação dos questionários nas escolas, um encontro de adesão com os alunos foi fundamental. Esse encontro já foi realizado em cada polo regional onde os alunos conheceram a proposta, tiraram dúvidas sobre a dinâmica de oficinas e preencheram uma ficha de adesão na qual escreveram suas expectativas sobre o projeto e por que gostariam de estar envolvidos em uma pesquisa com alunos e professores dentro da escola.

CRITÉRIOS SUGERIDOS PARA A INDICAÇÃO DE ALUNOS ENTREVISTADORES:

- Estar cursando o 8º ou 9º ano do Ensino Fundamental da escola.
- Ter disponibilidade em horários diferenciados do período de aulas, durante dois meses em média, com atividades agendadas previamente.
- Ter facilidade de se locomover pela cidade para participar das oficinas em outras escolas de sua região.
- Ter boa comunicação ou potencial criativo e produtivo que possa ser despertado ao participar do projeto.



O QUE MAIS CHAMOU A SUA ATENÇÃO NO PROJETO MEGAFONE?

“Achei interessante, pois, de alguma forma, você acaba incentivando os alunos a se interessar pela escola”.

SAMANTHA CRISTINA HENRIQUES DA SILVA
E.M. Afonso Penna, Polo 1

“Me chamou a atenção minha opinião ser ouvida e poder saber a opinião de outros alunos”.

SUELLEN ARAUJO DE MENEZES
E.M. Brant Horta, Polo 2

“A ideia de estabelecer uma conexão entre os alunos mais velhos (8º e 9º anos) com os alunos mais novos (6º e 7º anos)”.

CAROLLYNE DE ASSIS LINS
E.M. Waldemar Falcão, Polo 3

“Saber a opinião de outros alunos. Porque também gosto de entrevistar e saber como podemos melhorar a escola”.

JONATHAS CARVALHAES MARINS
E.M. Silveira Sampaio, Polo 4

“A intenção de dar voz aos alunos de escolas públicas, num esforço de melhorar cada vez mais o ensino”.

DOUGLAS SANTOS DE OLIVEIRA
E.M. Jardim Guararapes, Polo 5

VOCÊ GOSTARIA DE SER ALUNO-ENTREVISTADOR DESTE PROJETO? POR QUÊ?

“Sim. Poder conhecer um pouco mais a realidade dos alunos da escola onde estudo”.

LETICIA
E.M. Estado da Guanabara, Polo 1

“Sim. Porque eu iria me expressar melhor, também iria ter uma oportunidade de dizer coisas que eu penso”.

STEFANNY SANTOS DA CONCEIÇÃO
E.M. Luiz César Sayão Garcez, Polo 2

“Sim. Porque eu acho que, quando damos nossa opinião, ela pode fazer a diferença”.

LYNAURA DE ALMEIDA CABRAL
E.M. Fernando Rodrigues da Silveira, Polo 3

“Porque eu gostaria de entrevistar outros alunos, conhecer mais as suas opiniões”.

POLYANA VIEIRA SANTOS
E.M. Rosa do Povo, Polo 4

“É um projeto que ouve os interesses dos alunos para tentar achar uma solução, e eu gostaria de fazer parte”.

PAULO HENRIQUE GIL NEVES
E.M. Jardim Guararapes, Polo 5





Megafone na Escola – oficinas de formação e trabalho de campo

KÁTIA EDMUNDO

Coordenadora geral do Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS) e responsável pelas oficinas de formação e trabalho de campo do Megafone na Escola

Dentre as qualidades de um pesquisador, encontramos a vontade de conhecer, a disponibilidade de aprender, a curiosidade e o interesse pelo novo. Essas são habilidades muito presentes em adolescentes. Muitas vezes habilidades adormecidas, sobretudo, nas escolas. Como nos lembra Madalena Freire,¹ a educação deve ser movida pela “paixão de conhecer o mundo” e foi essa a ideia que guiou os passos do processo de formação e trabalho de campo do *Megafone na Escola: o desejo de conhecer os desafios do segundo segmento do Ensino Fundamental*.

O processo de formação e o trabalho de campo do Megafone despertaram interesse pela pesquisa como prática educativa na escola. As oficinas de formação foram orientadas pelo desafio de construir um conhecimento orientado pela participação, pelo diálogo, pelo afeto nas relações e por um desejo de mudança. No trabalho de campo, entrevistar o outro e refletir coletivamente sobre as diferentes opiniões gerou sentimentos de estranhamento por um lado e de valorização de si mesmo por outro, em um processo dinâmico de aprendizagem mútua entre entrevistadores e entrevistados. Ouvir diferentes opiniões não é tarefa das mais fáceis, mais ainda quando os entrevistadores têm entre 13 e 17 anos. Ao mesmo tempo, ao ouvir as opiniões de adolescentes do mesmo grupo etário ou um pouco mais novo, com linguagem, e

¹ FREIRE, Madalena. *A Paixão de Conhecer o Mundo: relatos de uma Professora*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

visões de mundo próximas, estabeleceu-se uma sintonia fina na comunicação e muitas possibilidades de interlocução se abriram.

Ouvir os professores foi outra oportunidade aberta aos alunos pelo Megafone. Experiências reflexivas para ambos – alunos e professores – fortaleceram as impressões sobre a importância da conversa nas salas de aula e espaços vários da escola e do seu entorno. Uma relação de confiança e intimidade se estabeleceu, e princípios como ética e respeito pela opinião e diversidade do outro foram incorporados às diferentes vivências pessoais.

Essa sintonia colocou alunos e professores em lados complementares e não opostos, como se evidenciou em debates iniciais do trabalho e em alguns dos resultados da pesquisa Megafone. O processo de consulta participativa impulsionado pelo Megafone gerou informações e recomendações que provocaram novos debates e puderam instaurar ciclos de discussão coletiva capazes de propor soluções para diferentes desafios identificados. Ações concebidas e a serem operacionalizadas pela escola de forma coletiva. Um caminho importante para tornar cada vez mais a educação um processo de conhecimento contextualizado, impulsionado por perguntas feitas pelos alunos, e não respostas prontas fornecidas por um currículo produzido por agentes externos ao processo relacional de aprendizagem.

“O Megafone amplificou o que já está exaustivamente dito pela literatura científica em educação, pelos indicadores da educação brasileira e, em especial, pela opinião e pelo sentimento dos alunos: a escola se constrói na relação entre as pessoas, com emoção, na mansidão”.¹

¹ Ver Rubem Alves sobre José Pacheco. Disponível em: <http://www.rubemalves.com.br/mansidao.htm>. Acesso em 27 jan 2011.

RESULTADOS EVIDENCIADOS NAS OFICINAS COM 134 ADOLESCENTES:

- Princípios pedagógicos e formativos fortalecidos: respeito pela diferença; importância de ouvir o outro; valorização da história de vida de cada um; atenção e paciência às diferentes opiniões e posições sobre a escola e a vida.
- Melhorias em aspectos individuais: timidez, dificuldade de falar em público, de se expressar perante outros alunos e professores; de ter atenção e completar uma tarefa. Aquisição de habilidades para atuação em grêmios e/ou outros projetos inseridos no contexto escolar.
- Aproximação e diálogo: as entrevistas aproximaram alunos mais velhos e mais novos, assim como abriram o diálogo entre alunos e professores;
- Ampliação de conhecimento sobre a escola e sua dinâmica: muitos desconheciam a própria organização escolar, seus conteúdos e referências pedagógicas.
- O processo de consulta gera informações e recomendações que provocam novos debates capazes de gerar soluções para os problemas identificados, e concebidos de forma coletiva.
- Replicabilidade: o Megafone na Escola pode ser adotado em contextos escolares semelhantes e desenvolvido a partir de temas diversos.





Oficinas

As oficinas aconteceram em cinco diferentes polos, sempre coordenadas pela equipe do Cedaps, que elaborou as dinâmicas, organizou o calendário, alimentação e os materiais didáticos necessários. Cada oficina contou ainda com a participação de um bolsista da PUC-Rio em um trabalho de observação e registro de comentários dos alunos sobre os temas abordados no questionário e a experiência de sua aplicação nas escolas.

O suporte das escolas foi fundamental, permitindo que um professor de referência acompanhasse os alunos até as oficinas e servisse de elo com a equipe do Megafone na Escola. As cinco escolas polo, em especial, disponibilizaram espaço e suporte à realização das oficinas. As oficinas e o trabalho de campo foram organizados na seguinte sequência em períodos aproximadamente semanais de 03 de maio a 14 de julho:

1ª oficina:

- Leitura do questionário e discussão do conteúdo;
- Técnicas de aplicação do questionário;
- Ética na pesquisa.



O QUESTIONÁRIO

Por ser um questionário aplicado e respondido por adolescentes ou crianças de 11 anos, o formato e o tamanho foram direcionados a essa faixa etária, com linguagem fácil e aspectos lúdicos, como ilustrações compondo as alternativas. Os questionários aplicados aos alunos e professores englobaram os seguintes itens:

- Perfil do respondente
- Qualidade da escola (espaço, infraestrutura, regras de convivência);
- Sala de aula (número de matérias, número de professores, tempo de aula, disponibilidade de outros recursos didáticos em sala etc.);
- Relacionamento com amigos e com professores;
- Fora da escola (participação da família e da comunidade na escola).

Os alunos entrevistadores contribuíram para a adequação do instrumento de pesquisa sugerindo mudanças de tamanho, forma e linguagem, fundamentais para o sucesso do trabalho de campo. Ao discutir sobre o questionário, os alunos também puderam expressar suas opiniões, trazendo uma reflexão qualificada sobre o conteúdo.



“Além da capacitação técnica para a pesquisa, as oficinas transformaram-se em espaço de diálogo. Muitos professores demonstraram-se surpresos com a reflexão dos alunos sobre temas que, à primeira vista, parecem complexos (como evasão e abandono). Assuntos que os alunos vivenciam no cotidiano da escola e são pouco discutidos dentro dela”.

JOANA MILLIET
Analista de Projetos do Instituto Desiderata

2ª oficina:

- Discussão sobre a aplicação de três questionários pré-teste por aluno e contribuições para mudanças no questionário de alunos (tamanho, linguagem, tempo de aplicação);
- Incentivo à produção do diário de campo em diferentes linguagens e lançamento da comunidade Megafone na Escola no Orkut;
- Trabalho em grupo utilizando vídeo para relatar a “Escola do futuro”, abordando os seguintes temas: instalação e infraestrutura, regras de convivência, matérias, formas de se dar aula, comportamento dos professores e dos alunos e avaliação.



Escola onde vivo metade do meu dia
onde existem alunos, professores,
diretora, coordenadora e enfim.
Onde aprendo matérias, tenho colegas que
viram amigos de repente.
Onde completo ciclos, na verdade séries.
Onde me divirto, converso e me expresso.
É onde quero terminar tudo o que comecei.

POEMA DE PAULO ROSA BREVES
Aluno da E.M. Professor Castro Rabelo (Polo 5)



3ª oficina:

- Trocas sobre facilidades e dificuldades da aplicação do questionário nas escolas;
- Capacitação para aplicação dos questionários de professores;
- Aplicação de um questionário com o professor de referência presente.

“Foi incrível a participação dos estudantes no projeto. Durante as visitas, percebemos o quanto eles estavam levando a sério a função de entrevistador. Respeitavam os entrevistados, cumpriram os prazos determinados e trabalharam muito bem em equipe. Realmente, acredito que essa experiência acrescentou muito para a formação desses adolescentes”.

CLAUDIA GARCIA
Técnica de Campo do Cedaps

“Durante as visitas, percebemos o envolvimento dos alunos e o entrosamento com os professores, muito solícitos ao nos receber. Foi um momento de trocar experiência, dividir informações do diário de campo, conversar sobre os novos amigos feitos nas entrevistas e apresentar todos os cantinhos da escola. Os alunos foram enfáticos em dizer que o projeto ampliou o canal de diálogo com a direção e que gostariam de visitar outras escolas e conhecer os alunos dos outros polos”.

LUIZA MATHEUS
Técnica de Campo do Cedaps



4ª oficina:

- Diálogo sobre a experiência de entrevistar (balanço sobre o trabalho de campo);
- Apresentação dos resultados parciais dos questionários aplicados com os alunos;
- Debate e contribuição dos alunos para a análise dos resultados;
- Recolhimento de questionários já aplicados.



“Cada pergunta do questionário é parte da vida de uma pessoa”.

ALUNO DO POLO 5

“O questionário era meio grande, mas pude conhecer mais as pessoas que entrevistei”.

ALUNA DO POLO 5

“Antes, eu não via nada, só enxergava meu mundo e, agora, sei o que as pessoas pensam”.

ALUNO POLO 1

“Eu comecei a olhar mais os outros e ganhei mais confiança. Tem muitas histórias tristes”.

ALUNA POLO 1

“Eu pensava que alunos e professores pensavam diferente, mas vi que, com relação à escola, eles pensam igual”.

ALUNO POLO 1





O olhar de pesquisadores externos

A observação realizada por alunos da graduação e da pós-graduação do Departamento de Educação da PUC-Rio teve como objetivo registrar percepções dos alunos entrevistados de 8º e 9º anos, que também tinham muito a falar sobre sua escola, a passagem do primeiro para o segundo segmento e as relações com seus pares, seus mestres e, em especial, sobre a continuidade dos estudos após a conclusão do Ensino Fundamental. Cada um dos pesquisadores visitou também uma escola participante do projeto, com o intuito de observar os alunos no trabalho de campo entrevistando colegas e professores. A seguir, reunimos trechos dos relatórios dos bolsistas sobre o trabalho observado:

“Em torno destes temas, os depoimentos dos alunos sobre a escola mais se alinham do que conflitam com os de seus professores, o que nos leva a pensar em um chão escolar comum que deveria ser objeto de política pública”.

ALICIA BONAMINO
Professora Doutora da PUC-Rio,
coordenadora do grupo de bolsistas

“Estar com os professores fez os alunos compreenderem mais o trabalho docente e suas dificuldades. Muitos alunos disseram ter aprendido a ouvir e a ver uma questão do ponto de vista do outro e, também, a não prejudicar. Por sua vez, professores manifestaram a necessidade de criar um espaço de troca entre alunos e professores, pois não sabem como seus alunos são e estão nas outras matérias”.

TERESA OURIVIO

“A escola aparece de forma positiva na maioria dos relatos. Existe uma visão crítica quanto aos métodos de ensino vigentes e, uma das expectativas mais fortes quanto à escola do futuro é que ela diversifique abordagem e desenvolvimento dos conteúdos. (...) Excesso de material e apreensão quanto aos novos colegas que surgem no segundo segmento fazem parte das preocupações, mas também são indicados aspectos positivos nessa mudança. A perspectiva de ampliação e incremento do rol de relacionamentos pessoais também é vista como uma oportunidade positiva”.

WINSTON SACRAMENTO

“Durante a dinâmica destinada a pensar a escola do futuro, os alunos pontuam que a instituição precisa estar conectada à atualidade, promovendo integração e preparo para a vida. Apontam a escola de futuro como aquela que dá conforto (escada rolante, elevador), dá acesso às tecnologias (laptop para pesquisa em tempo real durante a aula) e integra a dimensão cultural ao cotidiano educacional (minicinema, sala de dança para aprender a dançar)”.

FERNANDA PEDROSA

“Esta fase do ensino fundamental em comparação com a fase anterior é muito marcada pela falta de entusiasmo dos alunos. As causas, segundo eles, podem ser atribuídas tanto aos alunos como aos professores. Muitos alunos, ao se tornarem mais velhos, tendem a ficar mais rebeldes e menos participativos e submetidos a práticas pedagógicas poucos criativas, menos desafiadoras e muito descontextualizadas dos hábitos juvenis, como a internet, os jogos eletrônicos, e da visão de mundo deles”.

JOSÉ ROBERTO RODRIGUES





Diário de Campo e Orkut

Os entrevistadores também eram alunos do segundo segmento e, portanto, tinham muito a colaborar com sua visão e experiência nessa etapa de ensino. Para além de entrevistar professores e alunos de 6º e 7º anos, os jovens puderam debater sobre as questões abordadas no questionário durante as oficinas e trocar experiências sobre o ato de pesquisar, assim como registrá-las em um diário de campo. Esse registro foi feito de diferentes formas e linguagens: fotos, vídeos, fotonovelas, desenhos, narrativa etc. E os alunos foram estimulados a compartilhá-los na internet, em uma comunidade no Orkut, mediada por uma especialista em Mídia-Educação da PUC-Rio, que trabalhou em três linhas de ação com os adolescentes:

1. Sensibilização para registro e a divulgação através de meios digitais de falas consideradas significativas pelos entrevistadores – escrita livre do diário de campo no Orkut.
2. Elaboração de vídeos pelos entrevistadores individualmente e em grupos sobre:
 - > Falas dos entrevistados (alunos e professores);
 - > Suas memórias.
3. Divulgação da comunidade Megafone na Escola no Orkut e incentivo às possibilidades de expressão e diálogo entre os entrevistados.

O trabalho de mediação se estendeu no período de maio a novembro de 2010 e mobilizou no Orkut 168 membros, na maioria alunos e alguns professores. Confira a seguir alguns trechos de diários de campo postados na comunidade virtual Megafone na Escola:

Após a 3ª oficina do Megafone, dividimos entre nós (Eu, Juliana, Isa, Jonne e Sal) as entrevistas e, no mesmo dia, iniciamos uma divulgação nos dois turnos, indo em todas as turmas do 6º e 7º anos... À primeira vista, as turmas mais interessadas em dar sua opinião eram as de 6º. Nem todos os alunos se sentiram à vontade em conversar ou simplesmente responder sim ou não para o questionário. Eles preferem falar mal da escola ou do governo, que eles nem conhecem direito. (...)

Foi bom conversar com todos, porque no final das contas são estes que formam a escola.

Nós tivemos uma opinião unânime: "Para ser professor tem que ter vocação"... É que muitos "profissionais" que estão na escola, não dão conta de suas turmas, não passam segurança aos alunos e não conseguem passar sua matéria. O que torna o ensino do Rio, ou até mesmo do País, uma questão difícil.

Talvez o governo dê mais atenção às estatísticas do que a humanização do sistema educacional...

Agradecemos pela experiência que foi viver como um entrevistador e ainda mais por nos fazer enxergar a realidade de outro modo, de vivenciar como é tão difícil ser aluno quando o professor não "existe" na sala, e ser professor quando não se tem alunos.

- A pergunta que fica é... Que realidade é essa? O fato era saber o porquê da evasão escolar (...) e foi bem mais profundo que isso.

POR: DIÓGENES, JONATHAN, ANTÔNIA, ISABELLA E JULIANA
E.M. República Argentina



Bem, essa é minha primeira vez....Então vamos lá!!!
Hoje 01/07/2010 – Bom, agora mais que nunca sei bem como é a expressão -:-"correr atrás do seu peixe!!"(kkk) Literalmente o fiz!! Depois de ter passado por uma série de questionários com os alunos, tive a experiência com os professores (gostei mais fazendo com eles do que com os alunos). A vida deles realmente é corrida, então, tive que me superar!! Os segui a todo o "canto". A primeira professora, eu tive que entrevistar na sala dos professores (na verdade, foi uma experiência coletiva, ao mesmo tempo que fazia com "um" eles. Bem divertido!!)

POR: HIAGO
E.M. Emílio Galvão





Megafone digital: Orkut como espaço de sociabilidade

ILANA ELEÁ

Professora Doutora em Educação pela PUC-Rio e responsável pela mídia-educação do Megafone na Escola

Os estudantes que participaram do projeto Megafone vinham de escolas, bairros, tribos juvenis, estilos e contextos diferenciados. A grande maioria nunca tinha se encontrado anteriormente. Entretanto, uma das perguntas feitas nas oficinas presenciais (“Alguém aqui tem Orkut?”) recebia resposta unânime: a internet os unia. Independentemente do grupo, o que se ouvia e via, em coro, eram respostas afirmativas, sorrisos e braços ao alto, em animado rebuliço. Esse era o momento no qual apresentávamos a comunidade Megafone na Escola no Orkut, convidando-os para integrar o espaço *online* ao longo de todo o processo. Este caminho, o de criar uma comunidade com a intenção de aproveitar a rede social mais acessada por jovens brasileiros como espaço de mediação, foi muito acertado.

Oferecíamos o sinal: nosso interesse por compartilhar os mesmos lugares cibernéticos que jovens ocupam e frequentam com gosto, a possibilidade e intenção de contato, troca e sociabilidade.

A escola costuma evitar tais arenas, passando cadeado nas portas de acesso às redes sociais. O uso da internet, quando permitido, tende a se limitar às pesquisas em sites previamente selecionados pelos professores. Descartadas, as redes deixam de ter sua potencialidade explorada por frentes pedagógicas: os fóruns de discussão podem ser enriquecidos por debates


coletivos e transformados em locais de encontro, construção de conhecimento, leitura, escrita e troca entre pares. A mediação adulta na comunidade Megafone teve como objetivo incentivar a participação dos estudantes para que experimentassem autoria, deixando-os à vontade para expressarem o que sentiam com relação ao projeto, tirar dúvidas, publicando suas criações. Se as oficinas presenciais eram promovidas semanalmente ou com intervalos um pouco maiores, foi importante demarcar que, no Orkut, diariamente, estávamos ali para ler o que fosse publicado, tecendo comentários, colocando novas questões em contínuo processo de valorização de narrativas.

Os estudantes sabiam que um dos diferenciais do projeto recaía na elaboração do diário de campo – instrumento complementar à aplicação dos questionários. No Orkut, puderam dar visibilidade aos diários produzidos por eles mesmos para estudantes e professores de todos os polos e continuar unidos, aproveitando a rede construída para a criação de novos laços de amizade e parceria, divulgação de eventos e concursos. Posteriormente, quando a proposta de promoverem o “Dia do Megafone na Escola” foi lançada, a comunidade *online* contou com o ânimo dos participantes em intensa troca de ideias e colaboração.

Terminada essa fase do projeto, a comunidade Megafone na Escola continua lá, palco híbrido que inclui ensaios de escrita ficcional coletiva entre alunos, convívio *online* e elaboração de propostas para a escola. Tudo indica que esse vínculo possa ser mantido e inspire novas propostas, desafios, encontros e realizações daqui para frente. A relevância das mídias digitais como linguagem contemporânea, e a familiaridade que adolescentes possuem com esse universo nos apontam esta direção.

“Oferecíamos o sinal: nosso interesse por compartilhar os mesmos lugares cibernéticos que jovens ocupam e frequentam com gosto, a possibilidade e intenção de contato, troca e sociabilidade”.

“...foi importante demarcar que, no Orkut, diariamente, estávamos ali para ler o que fosse publicado, tecendo comentários, colocando novas questões em contínuo processo de valorização de narrativas”.

The background of the page is a green-tinted photograph of a classroom. In the foreground, a young girl and a young boy are sitting at a desk, looking at a book together. The boy is pointing at something in the book. In the background, a group of students is sitting at desks, and a teacher is standing at the front of the class, possibly presenting. There are posters on the wall and a whiteboard.

Nas páginas a seguir, são apresentados os resultados dos questionários respondidos por 2.194 alunos, 277 professores e 36 diretores de 39 escolas de segundo segmento do Ensino Fundamental do Rio de Janeiro.

A rede municipal como um todo também foi convidada a participar da pesquisa por meio de um questionário *online*. Diretores de 245 escolas, 62% da rede de segundo segmento, enviaram suas respostas. Essa importante contribuição será ainda sistematizada e divulgada em breve.

RESULTADOS DA PESQUISA

O que alunos e professores falaram:

Como é vista a **escola**?

ALUNOS

Professores não gostam muito de dar aulas

54%

Mas ensinam bem a matéria

70%

E não se sentem muito à vontade para tirar dúvidas

47%

PROFESSORES

Gostam de dar aulas em sua escola

75%

Poucos acham que alunos têm facilidade para aprender

11%

Ou se esforçam para aprender

13%

DIRETORES

Apontam carência de pessoal administrativo

92%

e de docentes

61%

Não há falta de qualificação dos docentes

78%

Indicam falta ou atraso de material didático

50%

Participação da **família**: alunos, professores e diretores divergem

ALUNOS

Se sentem incentivados pela família

85%

Têm apoio em casa nos estudos

76%

PROFESSORES

Há incentivo da família

9%

Pais são bem informados sobre a escola

32%

Pais participam das decisões da escola

20%

DIRETORES

Atendem os pais diariamente

64%

Pais são apáticos com relação à escolarização dos filhos

50%



Sentido da escola para o **aluno**:

ALUNOS

Gostam de ir para a escola

69%

Pretendem continuar os estudos e ir para a faculdade

93%

Acham que o estudo é importante para melhorar a vida

88%

“A escola é boa para encontrar amigos”



Como é percebida a **transição** para o segundo segmento?

NÚMERO DE MATÉRIAS:

Alunos e professores aprovam

73 e

64%

UM PROFESSOR PARA CADA MATÉRIA:

Alunos aprovam

76%

ALUNOS TINHAM MAIS FACILIDADE NO 5º ANO

43%

de professores e alunos



Diretores: 89% já adotam alguma medida para os problemas de **repetência** e **abandono**

DIRETORES

Anos mais críticos: 6º e 7º

61% e

22%

FATORES MAIS PRESENTES NO 6º ANO

Desmotivação dos alunos

42%

Dificuldades de aprendizagem

33%

Menor acompanhamento dos pais

19%

Professores: escola deveria ter estratégia para a **transição** (70%). Para isso, é preciso:

Participação da família nos estudos	Soluções de dentro da própria escola	Parcerias com organizações locais	Não indicaram sugestões
29%	20%	10%	22%

Alunos do 8º e 9º anos gostariam de colaborar na transição: trocar experiências, receber os colegas de 6º e 7º anos e apresentar a escola.

Evasão na visão dos professores...

PRINCIPAIS CAUSAS

Famílias não valorizam a educação

32%

Aluno despreparado para acompanhar as aulas

32%

Aluno não tem interesse no conteúdo

14%

Alunos precisam trabalhar

14%

ou ajudar em casa

6%

Problemas de relacionamento, falta de vagas ou de transporte não são citados

QUEM PODE AJUDAR?

A família

55%

Comunidade

13%

Comunidade

13%

SME e CREs são citadas por apenas

2%



Opinião sobre a **escola** na qual leciona

PROFESSORES

Gostariam de contribuir para mudanças na escola

34%

Acreditam que o problema não é DESTA escola. Há que mudar TUDO!

34%

Acham que soluções passam pelos pais, pela comunidade e pela SME

17%

Acreditam que não há nada para mudar na escola

9%

Não veem como contribuir para melhorar a escola

6%



O que é importante para a escola se tornar um lugar melhor para **estudar** e **ensinar**?

ALUNOS

Mais limpeza

29%

Mais computadores ligados à internet

25%

Mais espaços para esporte

19%

A maioria dos alunos acha que alguns alunos são muito bagunceiros e atrapalham a aula (83%)

PROFESSORES

Mais participação da família na escola

43%

Mais regras de convivência

28%

Sugestões para o professor tornar as aulas melhores

OPINIÃO DOS ALUNOS

Mais aulas com internet, vídeo, fotografias, músicas etc.

25%

Mais trabalhos em grupo

17%

Mais aulas de reforço

21%

Professores mais pacientes

15%

OPINIÃO DOS PROFESSORES

Aulas mais diversificadas

51%

Mais aulas de reforço

17%



Destaques alunos e professores

Ir a escola faz sentido e motiva o aluno do segundo segmento para:

- Encontro com o outro (colegas e professor);
- Sentir-se produtivo;
- Atender a família.

Reivindicam escola mais interessante, que desperte o interesse de alunos e professores.

Aulas mais diversificadas são importantes para:

- **Professores:** reconhecem importância, mas apresentam limites da estrutura institucional para utilizar outros recursos como vídeo, internet e outros espaços dentro e fora da escola.
- **Alunos:** reconhecem a necessidade do trabalho escolar, mas gostariam que aulas fossem diversificadas.



Em **síntese**: está aberto o **diálogo**

Grande coincidência de opiniões entre alunos e professores.

Exceção: papel da família na vida escolar.

Diversidade de opiniões nas estratégias de mudanças.

Alunos, professores e diretores querem ajudar a solucionar os problemas que aparecem na escola do 6º ao 9º ano.

Análise dos Resultados

ANA LÚCIA LIMA

Diretora Executiva do Instituto Paulo Montenegro

Nas próximas páginas, é possível conhecer o perfil de alunos e professores entrevistados e aprofundar a análise dos resultados, organizados em cinco blocos temáticos.

PERFIL DOS ALUNOS E PROFESSORES ENTREVISTADOS

Foram entrevistados **2.194** alunos em **39** escolas da rede municipal do Rio de Janeiro, com média de **56** alunos por escola, metade do 6º ano e metade do 7º ano.

Do total de respondentes, **1.155** foram selecionados pelos entrevistadores, **463** foram indicados pelos professores e **376** meninos e meninas se apresentaram voluntariamente a seus colegas entrevistadores para responder a pesquisa. Isso mostra o sucesso da mobilização pela discussão do tema entre todos na escola!

Do total de alunos entrevistados, **42% (924)** eram do sexo masculino e **58% (1.262)** do sexo feminino. Quanto à idade: **21%** com 10 e 11 anos, **36%** com 12 anos, **25%** com 13 anos, **14%** com 14 e 15 anos e **3%** com mais de 15 anos. A maioria (**36%**) dos alunos entrevistados declara-se pardo, **31%** branco e **27%** negro.

Os dados mostram ainda que quase a metade dos alunos entrevistados tinha 1 ou 2 anos de defasagem na relação idade x série.

Os adolescentes do Megafone entrevistaram ainda **277** docentes, sendo **189** professoras (quase **70%**) e **86** professores, proporção que reflete o predomínio das mulheres no segmento educacional. Desses docentes, **41%** estão entre os 40 e os 54 anos de idade; 60% declararam-se brancos, **24%** pardos e **14%** negros. Foram entrevistados, em sua grande maioria, professores que atuam diretamente em sala de aula (**87%**), mas foram ouvidos também coordenadores, professores de sala de leitura e outros.

Quase a metade dos professores consultados pelo Megafone (**48%**) tem mais de 20 anos de experiência e apenas **7%** lecionam há 5 anos ou menos; **20%** estão na escola atual há 1 ou 2 anos, **19%** entre 3 e 5 anos, **25%** entre 6 e 10 anos, **27%** entre 10 e 20 anos e **9%** há mais de 20 anos.

Os jovens pesquisadores levantaram ainda alguns dados relevantes sobre a trajetória escolar dos alunos de 6º e 7º anos entrevistados, conforme TABELA 1.

TABELA 1 PERGUNTAS	TOTAL ALUNOS 2.194
Você frequentou a creche, o maternal ou o jardim antes dos 5 anos?	68%
Você estuda na mesma escola desde a 1ª série?	28%
Você terminou o 5º ano ou 4ª série em outra escola neste mesmo bairro?	51%
Você sabe ler com facilidade?	89%
Você sabe escrever com facilidade?	90%
E você sabe fazer contas com facilidade?	71%
Você já repetiu de ano?	33%
Você teve de parar de estudar durante um ano ou mais e depois voltar para a escola?	12%
Você quer continuar os estudos e ir para a faculdade ou universidade?	92%

Procurou-se ainda identificar algumas características e atitudes que podem ser relevantes para o direcionamento de futuras ações. Em geral, os adolescentes valorizam a educação, querem continuar a estudar e têm sonhos para o futuro. A maioria usa internet para se comunicar com amigos e gosta de ler livros e revistas.

TABELA 2 PERGUNTAS	TOTAL ALUNOS 2.194
Você participa de algum projeto fora da escola, organizado por uma ONG ou uma associação?	28%
Você usa a internet quase todos os dias para “encontrar” seus amigos?	53%
O estudo é importante para você ajudar a melhorar a sua vida?	88%
Você gosta de ler livros ou revistas que não têm nada a ver com a escola?	63%
Você costuma ir sempre para a igreja ou outros locais de culto religioso?	48%
Você acha importante ajudar outras pessoas quando elas estão com dificuldade?	82%
Você tem sonhos para seu futuro e se esforça para alcançá-los?	86%

Bloco I – A escola

AVALIAÇÃO DA INFRAESTRUTURA E DAS REGRAS DE CONVIVÊNCIA DA ESCOLA

Mediante três questões específicas sobre este tema, os alunos de 6º e 7º anos e os professores consultados puderam avaliar como veem a escola que frequentam atualmente em termos de instalações e ambiente. A partir dos dados, criamos um indicador sintético que resume as respostas de modo a compor uma nota que varia de **0 a 10**.

Neste quesito, a nota média geral foi de **6,3**, praticamente sem variação entre as escolas que têm os dois segmentos (**6,2**) e as que iniciam a partir do 6º ano (**6,3**). A opinião dos professores é muito parecida com a dos alunos, com média geral de **6,2**.

A opinião dos alunos se divide quando comparam as regras de convivência no segundo segmento do ensino fundamental com às do primeiro: na média geral de todas as escolas, **34%** dos

alunos afirmam que gostavam mais da escola quando estavam no primeiro segmento, **28%** dizem gostar tanto agora como gostavam antes e **29%** declaram gostar mais agora.

A opinião dos professores é um pouco diferente: **32%** acreditam que os alunos gostavam mais antes, **40%** acham que gostam tanto da escola agora como quando estavam no primeiro segmento, e apenas 16% acreditam que gostam mais agora.

O Megafone perguntou ainda aos alunos do 6º e do 7º ano e aos professores quais, dentre uma lista de sugestões, seriam as ações mais importantes para que a escola se tornasse um lugar melhor para estudar. A TABELA 3 abaixo resume as respostas dadas por ambos os grupos e mostra que professores e alunos não compartilham das mesmas soluções.

TABELA 3 ALTERNATIVAS	PROFESSORES 277	ALUNOS 2.194
Mais acesso aos computadores com internet da escola	6%	27%
Mais limpeza na escola	6%	23%
Mais espaços para esporte	9%	19%
Melhores regras de convivência	31%	15%
Mais contato com a diretoria	1%	8%
Mais participação da família na escola	47%	8%



Bloco II – As aulas e os professores

AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Desta vez, a partir de quatro questões respondidas pelos professores e alunos de 6º e 7º anos, criamos um indicador que sintetiza as respostas em uma nota de **0 a 10**. Foram levantadas as opiniões dos alunos sobre as aulas, as matérias, seus professores e sobre outras atividades que a escola oferece. A nota média geral da opinião dos alunos foi de **6,8**, mostrando, também neste caso, pouca variação entre as escolas que têm os dois segmentos (**6,8**) e as que iniciam apenas a partir do 6º ano (**6,7**). Essa avaliação é praticamente igual a que fazem os professores (média **6,5**).

Na comparação entre o primeiro e o segundo segmento foram analisados dois aspectos:

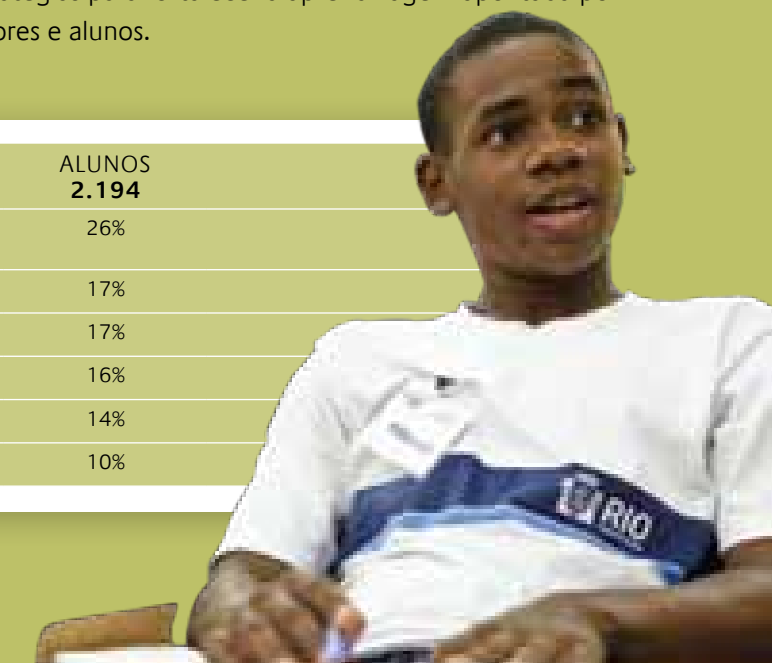
1. A facilidade em acompanhar as aulas: professores e alunos praticamente coincidem – **43%** de ambos os grupos acreditam que os alunos tinham mais facilidade no primeiro segmento e **25%** também dos dois grupos pensam que os alunos têm o mesmo grau de facilidade nos dois segmentos. A diferença aparece quando avaliam a facilidade que os alunos têm no

segundo segmento: **24%** dos alunos acham que têm mais facilidade agora contra **16%** dos professores que pensam o mesmo. Outro destaque: **13%** dos professores acreditam que alunos não tinham facilidade para acompanhar as aulas nem antes nem agora! Dentre os alunos, apenas **3%** concordam.

2. A quantidade de professores e matérias: **34%** dos professores acreditam que os alunos preferiam ter menos professores e matérias, como era no primeiro segmento, **32%** acham que é indiferente e **27%** acreditam que os alunos preferem o número de matérias e a diversidade de professores do segundo segmento. Já os alunos são mais positivos: **38%** preferem este formato, enquanto **27%** são indiferentes e **29%** preferiam como era antes.

O Megafone perguntou, dentre uma lista de alternativas, quais seriam as sugestões mais importantes para fazer as aulas ficarem mais interessantes. Mais uma vez notam-se diferenças nas estratégias para fortalecer a aprendizagem apontada por professores e alunos.

TABELA 4 ALTERNATIVAS	PROFESSORES 277	ALUNOS 2.194
Aulas utilizando computador, internet e outros materiais tipo vídeos, fotografias, músicas etc.	57%	26%
Mais aulas de reforço	19%	17%
Mais trabalhos em grupo	5%	17%
Professores mais pacientes com os alunos	4%	16%
Mais atenção com os alunos que fazem muita bagunça	14%	14%
Menos matérias	1%	10%



Bloco III – Os colegas e os amigos

AVALIAÇÃO DO RELACIONAMENTO ENTRE ALUNOS DA ESCOLA

Do mesmo modo que nos blocos anteriores, as respostas dadas a duas das questões respondidas pelos professores e alunos de 6º e 7º anos aos adolescentes do 8º e 9º que os entrevistaram permitiram a criação de uma nota que varia de **0 a 10**.

Neste bloco, foram avaliadas as opiniões dos alunos sobre as amizades na escola e de como são os relacionamentos entre os colegas. A nota média geral foi de **7,0**. Junto aos professores entrevistados, a média foi um pouco inferior à obtida com os alunos: **6,5**.

Na comparação com o primeiro segmento do ensino fundamental, a opinião dos alunos se divide: **31%** acham que os relacionamentos eram melhores antes, **33%** avaliam seus relacionamentos com colegas tão bons antes quanto agora e **29%** consideram mais positivamente os relacionamentos que têm agora no segundo ciclo.

Mais da metade dos professores (**51%**) acredita que os alunos tenham bons relacionamentos com os colegas tanto quando estavam no primeiro segmento como agora que ingressaram no segundo, enquanto **25%** acreditam que esses relacionamentos eram melhores no período anterior e **18%** pensam que são melhores agora.

Os alunos e professores entrevistados puderam ainda sugerir algumas iniciativas que colaborariam para melhorar o relacionamento entre os estudantes. Nesse caso, a comparação das sugestões dos professores com a dos alunos fica prejudicada, pois uma das alternativas (“mais amizade e confiança entre professores e alunos”) não foi apresentada aos estudantes. De qualquer forma, os professores tendem a demandar mais do que os alunos a adoção de mais rigor com os que não respeitam seus colegas.

TABELA 5 ALTERNATIVAS	PROFESSORES 277	ALUNOS 2.194
Mais respeito entre os alunos	34%	50%
Mais rigor com alunos que provocam e agridem outros alunos	36%	18%
Mais trabalho em grupo	2%	16%
Mais atividades com alunos de outras classes	4%	16%
Mais amizade e confiança entre professores e alunos	24%	(n/a)

Bloco IV – Do lado de fora da escola

AVALIAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DO AMBIENTE

Para finalizar a síntese da percepção dos alunos de 6º e 7º anos com relação às quatro dimensões que afetam seu cotidiano escolar, calculou-se uma nota que varia de **0 a 10** para os hábitos de estudo em casa e o envolvimento da família do aluno com os estudos, com base nas respostas dadas a duas das questões propostas pelo Megafone.

A nota média geral da opinião dos alunos foi de **7,6**, a mais alta dentre as quatro dimensões avaliadas. É nesta dimensão, a das atividades escolares realizadas fora dela, que as opiniões dos professores entrevistados pelo Megafone mais divergem daquelas dos alunos: para os professores, a nota é a mais baixa dentre os quatro aspectos avaliados: **5,0!**

Praticamente a metade (**47%**) dos alunos entrevistados não vê diferença entre o apoio para os estudos que tinham em casa quando estavam no primeiro segmento e, agora, quando estão

no segundo. Já para **26%**, o apoio era maior antes, e para **18%**, o apoio é maior agora.

A opinião dos professores é bastante diferente: a maior parte dos entrevistados (**47%**) acredita que os alunos tinham mais apoio antes, quando estavam no primeiro segmento, **30%** acreditam que tenham o mesmo nível de apoio, e apenas **5%** acreditam que têm mais apoio agora. Note-se que chega a **16%** a proporção dos professores que acreditam que os alunos não tinham apoio dos familiares nas atividades escolares nem antes nem agora.

Ter mais dedicação ao estudo foi a mais citada tanto pelos professores como pelos alunos como forma de contribuir com o aprendizado também fora da escola. Para os professores, logo em seguida vem a maior ajuda por parte da família nas atividades escolares feitas em casa, um fator não tão relevante na opinião dos alunos.

TABELA 6 ALTERNATIVAS	PROFESSORES 277	ALUNOS 2.194
Ter mais dedicação ao estudo	47%	42%
Ter mais passeios e visitas a museus	4%	22%
Ter maior acesso ao computador para fazer trabalhos da escola	1%	13%
Ter mais ajuda dos familiares	46%	12%
Ter mais livros, filmes, revistas e outros materiais	2%	11%

Bloco V – Sugestões e propostas

DE ENCAMINHAMENTO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

Mais que somente identificar os problemas, a equipe do Megafone buscou identificar ações que poderiam ser feitas para melhorar o que não está funcionando bem. E quis saber com quem pode contar para implementar essas mudanças. Certamente ficaram felizes com a resposta dos professores: mais de 1/3 deles declara estar disposto, com os demais colegas, a contribuir com as mudanças que precisam ser feitas, como mostra a tabela abaixo. Ficou, no entanto, claro que essas mudanças não poderão ser feitas apenas com o esforço dos professores: é necessária a participação da comunidade escolar e do poder público para conseguir resultados efetivos para cada escola e para o sistema educacional.

TABELA 7 ALTERNATIVAS – PROFESSORES	PRINCIPAL MOTIVO
Acho que não há nada para mudar nesta escola, acredito que ela ofereça o melhor possível aos seus alunos	9%
Esta é uma boa escola, mas há várias coisas que podem ser melhoradas. Eu e outros professores desta escola gostaríamos de contribuir para essas mudanças	34%
Esta escola tem alguns problemas que podem ser resolvidos mas não creio que eu ou os outros professores possamos contribuir para resolve-los	6%
Esta escola tem muitos problemas. Para resolvê-los, é necessária a colaboração do governo, dos pais e da comunidade onde ela se encontra	17%
O problema não é ESTA escola. Todas têm dificuldades. É preciso mudar o sistema educacional do país!	34%

Os professores responderam qual a principal razão que leva os alunos a abandonarem os estudos nos primeiros anos do segundo segmento do ensino fundamental e qual seria a segunda razão mais frequente. A TABELA 8 aponta estas respostas:

TABELA 8 ALTERNATIVAS – PROFESSORES	PRINCIPAL MOTIVO	2º MOTIVO
A família do aluno não valoriza o estudo	32%	28%
O aluno chega ao 6º ano sem os conhecimentos básicos	32%	26%
O aluno precisou trabalhar para ajudar no orçamento doméstico	15%	16%
O aluno não tinha interesse pelo conteúdo ensinado ou não achava útil	14%	18%
Para ajudar nos afazeres domésticos, cuidar de alguma criança ou pessoa da família	7%	10%
Aluno teve problema de relacionamento c/ colegas, professores, diretores	-	3%
Falta de escola próxima ou falta de vaga em escola próxima	-	-
Falta de transporte até a escola	-	-

Outros motivos foram lembrados espontaneamente pelos professores, que citam questões relacionadas à falta de valorização da educação pelo próprio aluno, seus familiares e a sociedade como um todo, questões derivadas da realidade social em que vivem os jovens estudantes (drogas, gravidez na adolescência, problemas familiares etc.) e questões relacionadas às dinâmicas da própria escola, como falta de atratividade, falta de integração entre o primeiro e o segundo segmentos e entre as disciplinas do currículo.

Perguntados se a escola deveria ter ações específicas para apoiar a transição dos estudantes do 1º para o 2º segmento, **70%** dos professores consideraram que sim.

E quais os atores que mais têm a contribuir para que as mudanças sejam alcançadas? Para **55%**, as ações deveriam vir, em primeiro lugar, das famílias, enquanto para **25%** ser promovidas pela própria escola ou pela comunidade (**13%**).

TABELA 9 ALTERNATIVAS – PROFESSORES	1º LUGAR	ENTRE AS TRÊS PRIMEIRAS
Maior participação da família nos estudos	55%	89%
Soluções que a própria escola crie para esta transição	25%	75%
Parceria com organizações locais da comunidade	17%	40%
Apoio direto da SME na solução dos problemas identificados	2%	44%
Maior envolvimento da CRE nas questões da escola	1%	40%
Apoio de institutos e fundações externas	-	11%

Mas quando consideradas as três primeiras opções escolhidas pelos professores, como agentes que podem contribuir com a implementação das ações necessárias para apoiar a transição dos alunos do primeiro para o segundo ciclo, fica evidente a importância da junção de vários atores, como mostra a segunda coluna da tabela acima. Entre os professores, **89%** colocam entre as três primeiras opções a maior participação da família e **75%** também apontam entre as três prioridades que a escola deve criar as próprias soluções para a transição.



Seguindo a lógica de promoção do diálogo na comunidade escolar, a etapa de análise e divulgação dos resultados do Megafone envolveu alunos, professores, diretores, gestores públicos e pesquisadores.

Os alunos pesquisadores e os professores de referência tiveram a oportunidade de conhecer os dados em primeira mão e debater sobre os resultados. Os diretores de todas as escolas de segundo segmento da rede municipal foram convidados para um grande encontro. Foi organizada, também, uma oficina de trabalho com gestores da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e especialistas da área. Esses diferentes atores, a partir de suas perspectivas, iluminaram o debate sobre os resultados e contribuíram para o desenho de novas propostas de trabalho para esta etapa do Ensino Fundamental.



DIALOGANDO SOBRE OS RESULTADOS

Encontro de professores 15.julho.2010

As condições de trabalho na escola, estratégias para as aulas e a dificuldade em lidar com os alunos adolescentes: esses foram os principais temas apontados por 23 professores de referência presentes na reunião de apresentação dos primeiros resultados dos questionários respondidos por professores e alunos. Além disso, o processo de pesquisa, com a promoção do diálogo entre os alunos e com professores foi bastante valorizado.

Os professores debateram sobre a continuidade do projeto e expressaram o desejo de continuar dialogando e pensar formas de ampliar a discussão para as 397 escolas de segundo segmento da rede municipal do Rio de Janeiro.

“O processo foi muito importante para o crescimento dos alunos, em especial no relacionamento deles com os alunos do 6º e 7º anos. Eles perceberam que o que acontece na escola precisa ser discutido entre eles, professores e direção. Esse processo não pode parar”.

DIONE SOUZA LINS

Professora de Artes da E. M. República Argentina

PARCERIA: A REUNIÃO ACONTECEU NO NÚCLEO AVANÇADO EM EDUCAÇÃO (NAVE), ESPAÇO CEDIDO PELO OI FUTURO

“Eu acho que os resultados demonstram uma realidade evidente na maioria das escolas. Os alunos do 6º e do 7º anos sentem a mudança de segmento, e a desmotivação faz o aluno deixar o estudo. Só o fato deles refletirem sobre essas questões já gera uma mexida, faz buscar soluções, mudar essa realidade”.

JANE NUNES

Professora de Sala de Leitura da E.M. Almirante Newton Braga de Faria

“Achei o processo muito importante, houve uma integração dentro da escola, embora com algumas dificuldades. Foi preciso convencer o outro colega, principalmente o professor, da importância do que está acontecendo, mas, depois que foi explicado, houve compreensão por parte de todos. Foi interessante ver que os alunos iam com muito prazer para as oficinas e tiveram muita responsabilidade”.

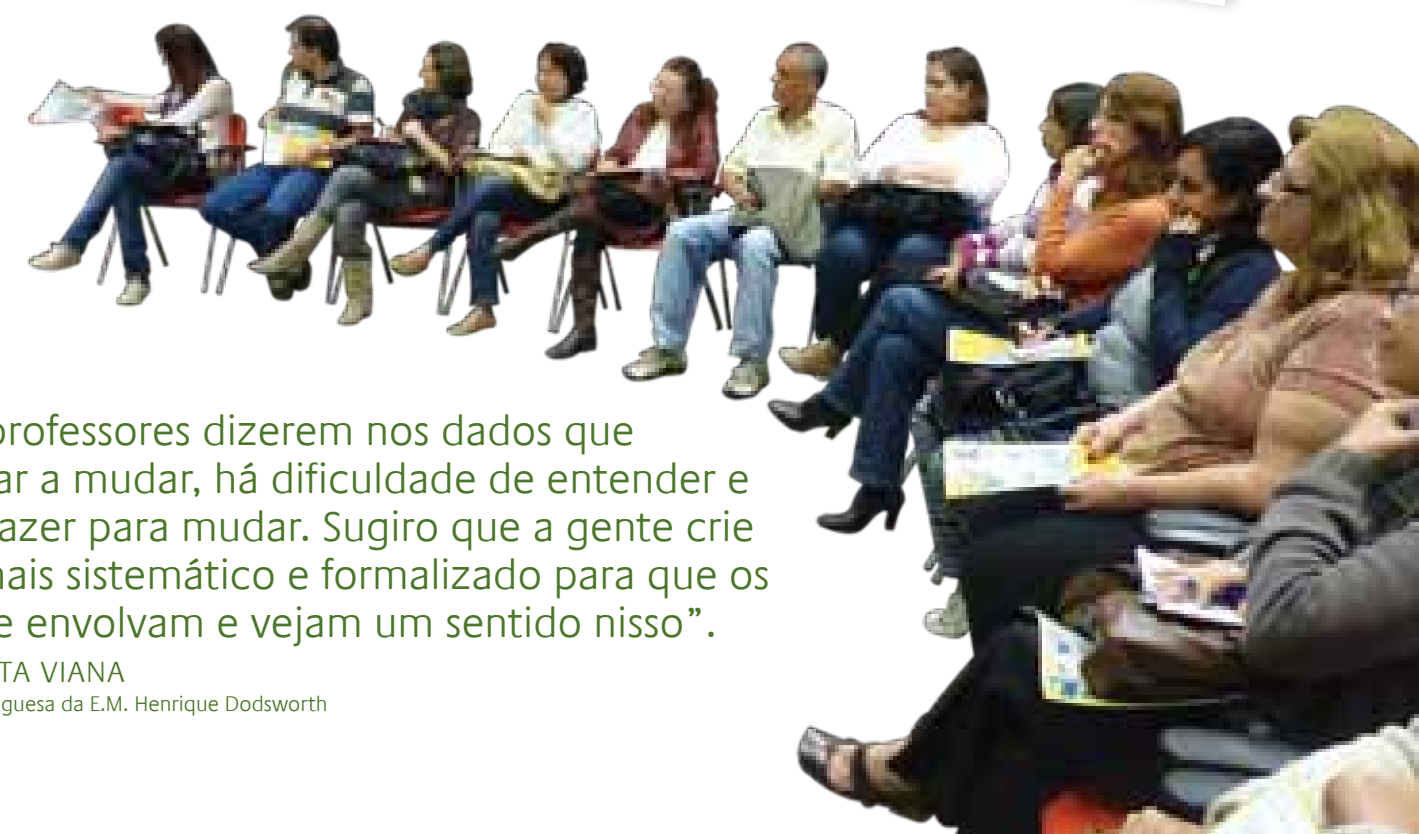
MARIA CANDIDA BATISTA

Diretora Adjunta da E.M. Silveira Sampaio

“Apesar dos professores dizerem nos dados que querem ajudar a mudar, há dificuldade de entender e saber o que fazer para mudar. Sugiro que a gente crie um espaço mais sistemático e formalizado para que os professores se envolvam e vejam um sentido nisso”.

JACILENE MESQUITA VIANA

Professora de Língua Portuguesa da E.M. Henrique Dodsworth



Encontro de Diretores 11.agosto.2010

O debate sobre os resultados não ficou restrito às 39 escolas que participaram do Megafone na Escola. Com o propósito de envolver toda a rede de segundo segmento do município do Rio de Janeiro, foi organizado um encontro para apresentar a pesquisa e convidar todos os diretores a responder um questionário *online** sobre os desafios enfrentados nesta etapa.

Presentes:

- Cláudia Costin, Secretária Municipal de Educação
- Gestores da Secretaria Municipal de Educação
- 250 representantes de escolas de segundo segmento
- Palestrante convidado: Jose Pacheco, fundador e idealizador da Escola da Ponte em Portugal

*245 diretores, 62% da rede de segundo segmento do Ensino Fundamental, responderam ao questionário *online*. Os resultados dessa pesquisa serão sistematizados e disponibilizados em breve.

“Os resultados voltarão para as escolas, há uma expectativa que isso gere uma mobilização, um debate nas escolas, mas precisamos combinar como trabalharmos uma agenda de mudança de forma coletiva”

BEATRIZ AZEREDO
Diretora do Instituto Desiderata

PARCERIA: A REUNIÃO ACONTECEU NA SALA MUNICIPAL BADEN POWELL, ESPAÇO CEDIDO PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO

“Estamos considerando que o Megafone é parte do nosso trabalho, compõe política pública”.

CLÁUDIA COSTIN
Secretária Municipal de Educação

“Os próprios meninos, em diálogo com seus colegas, levantaram essas informações, que agora vão ser muito ricas para ajudar a traçar uma política para o segundo segmento no Rio de Janeiro”.

ANA LÚCIA LIMA
Diretora do Instituto Paulo Montenegro

“Vimos que professores e alunos demandam espaços para falar sobre a escola. Há uma disposição muito grande do grupo para promover mudanças.”

KÁTIA EDMUNDO
Coordenadora Geral do Cedaps

José Pacheco, fundador e idealizador da Escola da Ponte em Portugal, comentou os dados à luz de sua experiência à frente de um projeto de uma escola pública completamente diferente das tradicionais. E convocou a plateia a pensar que outra escola é possível, mas é preciso ter coragem para quebrar paradigmas.

“Eu creio que o que caracteriza mais a escola hoje em dia é o fato de cada professor estar sozinho. Eu diria que é necessário que o diretor perceba que não está completo, como diria o nosso Paulo Freire, e que é importante ele trabalhar com os outros acabando com essa cultura de isolamento, solidão, autossuficiência. O professor dentro da sala de aula pode fazer muito, porém não consegue ir muito além porque é limitado seu esforço individual. Aliás, aquilo que conhecem da Escola da Ponte e que é exótico, não tem série, não tem prova, não tem horário, isso é o menos importante. O que a Escola da Ponte tem é outra cultura, e é nessa cultura que assentam os resultados que ela consegue”.

JOSÉ PACHECO
Fundador da Escola da Ponte



Encontro de Especialistas 05.outubro.2010

De que forma os resultados do Megafone na Escola podem dialogar e colaborar com as políticas públicas? Gestores da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e especialistas da área debateram esse tema em um encontro realizado pelo Instituto Desiderata.

“A escola está cansada de coisas que vêm de fora pra dentro e de ser pouco protagonista de sua agenda de mudanças”.

BEATRIZ AZEREDO
Diretora do Instituto Desiderata

“A escola está acostumada a ser objeto de pesquisa e, dificilmente, ela é sujeito de pesquisa”.

MARILSE ARAÚJO
Assessora da Ação Educativa

“Durante as oficinas, as questões do segundo segmento proporcionaram uma reflexão de temas que estão no cotidiano da escola e não são colocadas no âmbito da sala de aula”.

KÁTIA EDMUNDO
Coordenadora Geral do Cedaps

PARCERIA: A REUNIÃO ACONTECEU NO CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL (CCBB), PARCEIRO DO INSTITUTO DESIDERATA DESDE 2004

“Intensificou-se a comunicação entre a ponta e a secretaria. O Desiderata trouxe coisas interessantes e, a partir daí, temos de agir sobre essas questões”.

RAFAEL PARENTE
Subsecretário de Projetos Especiais da SME

“Mais do que uma ação de investigação, acho que o Megafone é um processo que deve ser apropriado por nós da SME como instituição e pela escola como uma tecnologia de promoção de discussão. A escola pode usar a metodologia para debater questões que ela acha interessante. Estou preocupada em pensar como traduzir essa metodologia de trabalho para que possa ser apropriada pelo coletivo”.

SIMONE MONTEIRO
Gestora de Projetos Especiais da SME

O sistema de indicadores do segundo segmento no Rio de Janeiro¹ construído pelo Desiderata a partir dos dados do Censo Escolar 2009, também foi tema de discussão do encontro. Os dados, disponíveis para consulta em um sistema *online* são apresentados por Coordenadorias Regionais de Educação e também por Região Administrativa (RA) e poderão nortear prioridades de ação, pois mostram uma fotografia de qualidade e equidade na educação e permitem pensar a rede como um todo.

¹ Em breve será possível acessar o sistema de indicadores através do site www.desiderata.org.br.

ORGANIZAÇÕES PRESENTES:
INSTITUTO DESIDERATA,
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO,
AÇÃO EDUCATIVA, CEDAPS, CENPEC,
INSTITUTO PAULO MONTENEGRO,
MULTIRIO, NOVAMÉRICA, PUC-RIO E UFRJ.

“A análise da cobertura por RA é mais adequada para ver gaps de atendimento (...). Quando analisamos as escolas pelo seu número de alunos matriculados, mostramos o peso do território no contexto da cidade e percebemos que quatro CREs (Realengo, Santa Cruz, Ilha do Governador e Engenho Novo) respondem por mais de 50% de todos os estudantes da cidade que estão em escolas com Ideb abaixo da média; esse dado pode ser usado para definição de prioridades de ação, mas deve levar em conta as desigualdades internas”.

ELVIS BONASSA
Diretor da Kairós Desenvolvimento Social

“Dentro das regiões, existe um fenômeno de ecologia do mercado escolar, onde as escolas funcionam como vasos comunicantes, de forma que uma escola boa que faz uma seleção social só pode existir se outras não podem fazer seleção. É criado, então, um sistema de compensação que funciona no acesso e no processo, compondo escolas de gueto com alunos muito semelhantes dentro das escolas. Isso é ruim para o aluno (...). Existe um imenso desafio que é lidar com a qualidade, com a equidade, porque não existem políticas preocupadas com essa questão no Brasil em geral”.

MÁRCIO DA COSTA
Professor da Faculdade de Educação da UFRJ

Após a rodada de encontros para debate sobre os resultados com os diferentes atores diretamente envolvidos no Megafone, era hora das escolas discutirem os resultados com os demais alunos e professores. A ideia era que cada escola escolhesse a melhor forma de mobilizar a comunidade escolar para o Dia do Megafone na Escola. Ao todo, 16 escolas se organizaram e fizeram chegar, das formas mais variadas, os resultados da pesquisa à sua escola.

Acompanhe o relato dos professores de referência sobre o Dia do Megafone em cada escola.

Para apoiar o Dia do Megafone na Escola, foram distribuídos a cada escola:

- 25 cartazes;
- Cerca de 250 *folders*;
- 1 CD com apresentação dos resultados, fotos das oficinas e encontros e relatório de resultados;
- 1 DVD com três vídeos sobre o projeto e todos os vídeos produzidos pelos alunos durante as oficinas.



DIA DO MEGAFONE NAS ESCOLAS

O que aconteceu em cada escola



CIEP ISMAEL NERY – SANTA CRUZ, 10ª CRE

Após um café da manhã oferecido para todos, as salas foram separadas por cores para debater três temas: Saúde do adolescente, com a professora regente de ciências; Direitos e Deveres do Adolescente, com o conselheiro tutelar de Santa Cruz e uma assistente social; e Esporte para todos, com o fundador do Basquete de Rua. No fim, cada sala fez um cartaz com os aprendizados e as opiniões sobre o tema abordado. O resultado foi muito positivo, e alguns responsáveis se comprometeram a divulgar questões que acharam interessantes para a comunidade.

TÂNIA PINHO

Professora de Educação Física



ESCOLA MUNICIPAL ENGENHEIRO JOÃO THOMÉ PADRE MIGUEL, 8ª CRE

O encontro foi todo organizado pelos quatro alunos entrevistadores do projeto. Houve participação de alunos representantes das 26 turmas da escola, professores, direção e equipe do Megafone, totalizando cerca de 80 participantes. Eles começaram com algumas explicações e vídeos sobre o projeto e fizeram uma roda entrevistando ao vivo alunos da escola, com uma boa interação do público. E finalizaram com apresentação da pesquisa.

MARIA INÊS FREITAS DA SILVA DANTAS
Coordenadora pedagógica



ESCOLA MUNICIPAL REPÚBLICA ARGENTINA VILA ISABEL, 2ª CRE

Tivemos dois representantes de sete das dez turmas do 6º ao 9º ano e dois das três turmas do 5º ano que participaram, pois continuaremos em 2011, criando o fórum permanente de discussão com alunos, com reuniões periódicas para tentar solucionar problemas do cotidiano. Também participaram os alunos entrevistadores, professora de referência, coordenadora pedagógica e diretora. Os entrevistadores prepararam um questionário que foi respondido pelas turmas com ajuda de um professor. O assunto escolhido foi a bagunça, e o debate neste dia será ponto de partida para o próximo ano.

DIONE SOUZA LINS
Professora de Artes Visuais



ESCOLA MUNICIPAL MILTON CAMPOS BANGU, 8ª CRE

Os resultados do projeto foram apresentados aos professores, que resolveram aplicar o questionário em todas as turmas da escola. Alunos do 6º ao 9º ano responderam ao questionário em um dia de atividade nos turnos da manhã e da tarde, e os professores tabularam os dados obtidos. Foi mais uma oportunidade de refletir sobre as dificuldades vividas em nosso dia a dia, sugestão de trabalho e métodos de lidar com as novas expectativas dos alunos e da sociedade em geral.

KÁTIA REJANE ALVES CORRÊA BRANDÃO
Professora de Ciências



ESCOLA MUNICIPAL JENNY GOMES
RIO COMPRIDO, 1ª CRE

O evento foi realizado na Sala de Informática com a presença de alunos do 6º, 7º e 9º anos. Apresentei a pesquisa, e alunos entrevistadores narraram suas experiências. Os presentes assistiram aos vídeos do Megafone e à apresentação dos resultados, com comentários dos participantes. Cerca de 30 alunos envolvidos no projeto estiveram presentes, e a escola toda estava mobilizada no dia para responder à questão presente nos cartazes e *folders*: o que podemos fazer juntos? Uma parcela considerável da escola discutiu problemas, propôs soluções e repensou suas práticas, mostrando-se bastante interessada em continuar a pesquisa no ano de 2011.

HILLER SOARES SANTANA
Coordenador pedagógico



ESCOLA MUNICIPAL ESTADO DA GUANABARA
HIGIENÓPOLIS, 3ª CRE

Nos dias da nossa Feira Cultural, montamos um estande do Megafone, onde as entrevistadoras explicavam o que foi o projeto, seu objetivo e como foi a participação da escola. Sugestões para ajudar a solucionar os problemas enfrentados no segundo segmento foram dadas pelos visitantes. Passamos os vídeos sobre o Megafone. Os alunos, responsáveis e professores mostraram-se empolgados com a possibilidade de serem ouvidos e esperançosos com uma possível ajuda para a escola em que estudam.

ELAINE VALENTE DINIZ
Professora Regente de Língua Portuguesa



ESCOLA MUNICIPAL CAFÉ FILHO
VILA KENNEDY, 8ª CRE

O Dia do Megafone teve a presença de todo o corpo docente, 400 alunos do 6º, 7º e 8º anos, 20 professores, a direção, as estagiárias, responsáveis do Conselho Escolar Comunitário (CEC) e alunos do Grêmio. A Direção da escola apresentou os resultados da pesquisa e houve uma palestra sobre *bullying* com relatos de experiências dos alunos. A opção pelo tema partiu do Plano de Melhorias da Escola e foi baseado nas respostas do Megafone, buscando melhorar as relações entre alunos. O evento foi de grande importância, pois os alunos perceberam que suas respostas iam ao encontro da opinião dos alunos de outras escolas e que os problemas pelo quais eles passam outros alunos também passam.

MÁRCIA VERÔNICA DA SILVA
Diretora



ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR CARLOS LACERDA
TAQUARA, 7ª CRE

Nós fizemos a apresentação do filme para duas turmas que participaram da entrevista, e falei com os alunos sobre os resultados da pesquisa para a melhoria da escola. Foi fundamental para conscientizar os alunos sobre a importância do Megafone como ferramenta de otimização das ações pedagógicas e relacionais da escola.

JANE CORDEIRO DE OLIVEIRA
Coordenadora pedagógica



ESCOLA MUNICIPAL SILVEIRA SAMPAIO
CURICICA, 7ª CRE

O Dia do Megafone aqui na escola foi positivo. Estiveram presentes os alunos entrevistadores, professores, direção e coordenação. Fizemos esse momento no dia da reunião pedagógica. Exibimos o vídeo do Megafone, e os alunos entrevistadores deram seu depoimento sobre as experiências vividas durante as capacitações e entrevistas. Foi importante para que a comunidade escolar entendesse e tomasse ciência dos resultados da pesquisa.

MARIA CÂNDIDA DE PAULA BATISTA
Diretora adjunta



ESCOLA MUNICIPAL BERTHA LUTZ
PEDRA DE GUARATIBA, 10ª CRE

No Centro de Estudos, entrevistadores apresentaram os resultados da pesquisa. Exibiu-se o vídeo sobre o projeto e os resultados gerais. Professores, funcionários e alunos tiveram voz e vez, o que apontou para muitos desafios antigos e novos, inerentes ao sistema e à escola. Fazer o dia do Megafone foi importante para que percebêssemos como todos têm papel fundamental em processos de mudança e como devemos sempre ouvir o outro e exercitar a autoavaliação do que somos e fazemos. Nos fez pensar como seria produtivo se esse processo não parasse, avançando sempre mais. E que essa voz ecoasse para fora dos muros da escola e do bairro.

REGINA CLÁUDIA CARDOSO
Diretora



ESCOLA MUNICIPAL ALMIRANTE NEWTON BRAGA DE FARIA
IRAJÁ, 5ª CRE

Reunimos 45 alunos e 3 professores de diferentes disciplinas para um debate na sala de vídeo. Eu confeccionei cartazes sobre os temas sugeridos para discussão: *bullying* e *ciberbullying*, disciplina e conservação da escola. Foram passados vídeos sobre *bullying* encontrados na web. Falamos da importância de dar continuidade às discussões e ampliarmos para outros assuntos apontados pelos alunos. No próximo ano, pretendo incluir no planejamento de Sala de Leitura o Megafone para viabilizar novas discussões.

JANE NUNES DA COSTA MUNIZ
Professora de Língua Portuguesa e responsável pela Sala de Leitura



ESCOLA MUNICIPAL HENRIQUE DODSWORTH
IPANEMA, 2ª CRE

A divulgação dos resultados da pesquisa foi feita em dois dias para os alunos e em um encontro para os professores no Centro de Estudos. Os alunos participaram com perguntas e foram orientados a escrever sugestões nos folhetos e nos cartazes. Na reunião com os professores, foi feito um cartaz com os resultados do Megafone de forma a promover reflexões e debates. A divulgação dos resultados permitiu observar de forma global e sistêmica uma realidade vivenciada cotidianamente e discutida nas escolas de forma particular.

JACILENE MESQUITA VIANA
Professora de Língua Portuguesa



ESCOLA MUNICIPAL MARIO PIRAGIBE
ANCHIETA, 6ª CRE

Os entrevistadores apresentaram os resultados e falaram sobre a experiência no projeto no Conselho de Classe. Além dos professores do segundo segmento, tivemos representantes dos alunos – Grêmio e CEC – funcionários, coordenação e direção. Cartazes foram afixados e *folders* distribuídos pelos alunos. A interação foi excelente, todos os presentes discutiram com os alunos os pontos polêmicos da pesquisa. Foi interessante para refletirmos sobre o que é possível fazer para mudarmos e para uma maior participação de todos na construção do conhecimento e de uma escola mais colaborativa, agradável e receptiva.

IMACULADA CONCEIÇÃO MANHÃES MARINS
Professora de Artes Visuais e Artes Plásticas



ESCOLA MUNICIPAL BRANT HORTA
PENHA CIRCULAR, 4ª CRE

Os resultados da pesquisa foram apresentados em PowerPoint pela professora de referência Dayse Chaves para 30 alunos representantes de diversas turmas da escola e alguns professores. Após a apresentação, houve um pequeno debate. Os *folders* foram distribuídos por uma aluna entrevistadora presente e os cartazes colados pela escola.



ESCOLA MUNICIPAL ORESTES BARBOSA
BANGU, 8ª CRE

Reunimos no auditório todos os professores, dois representantes de cada turma (que servirão como multiplicadores), a direção e alguns responsáveis. Passamos vídeos com os resultados da pesquisa, *slides* com as fotos das reuniões e distribuímos os *folders* e as cópias do relatório final. Os resultados foram devidamente comentados e debatidos. Faremos no próximo ano reuniões quinzenais com os alunos representantes para corrigir os problemas e insatisfações manifestados dando ênfase ao relacionamento entre professores e alunos.

HELIO TAVARES
Coordenador pedagógico



ESCOLA MUNICIPAL CANDIDO CAMPOS
VILA VALQUEIRE, 7ª CRE

Uma das entrevistadoras apresentou os resultados para professores e alunos representantes de todas as turmas da escola, que como multiplicadores deveriam passar o que ouviram para seus colegas. Para contemplar toda a escola, a reunião ocorreu nos turnos da manhã e da tarde e começou com a apresentação dos vídeos feitos pelos alunos durante as oficinas do Megafone. Ao fim da discussão, utilizando um megafone, os alunos falaram do que gostam e não gostam na escola. Cada sala de aula recebeu um cartaz do Megafone para que as turmas preenchessem com sugestões.



LIGA O MEGAFONE!

Liga o Megafone!

O Megafone na Escola propiciou uma importante experiência para todos os participantes. A aproximação com o outro, o reconhecimento das diferenças, a surpresa com as afinidades na percepção dos problemas e na disposição de enfrentá-los.

Questões estruturais e complexas com as quais a escola se defronta foram apontadas. Ao mesmo tempo, a escola do futuro, projetada pelos alunos, remete a um ambiente de acolhimento, com relações de confiança e respeito ao outro como requisitos importantes para o processo de aprendizagem.

O Megafone evidenciou o quanto a escola está aberta e tem muito a dizer sobre a sua prática. E, sobretudo, o quanto a comunidade escolar pode avançar no entendimento dos desafios enfrentados, no diálogo interno e na busca de parcerias para mudanças e avanços necessários.

“É indiscutível que o Megafone foi uma ação inovadora de inclusão da escola na investigação de suas questões e na proposição de soluções, mexendo com toda a comunidade escolar. O desafio agora é fazer esses resultados contagiarem a rede como um todo, interrompendo a lógica dos programas feitos de fora para dentro e criando espaços para que a escola pense e desenhe as próprias ações. Sabemos que esse passo é difícil e de longo prazo diante da dimensão da rede municipal do Rio de Janeiro, mas acreditamos que as mudanças desejadas contemplarão a diversidade da rede e serão mais duradouras se a escola fizer parte de todas as etapas da formulação de suas políticas públicas”.

ROBERTA COSTA MARQUES
Gerente da Área de Educação do Instituto Desiderata.

“O Megafone introduziu para os alunos-entrevistadores o ponto de vista dos professores e diretores da escola. Essa sintonia os coloca em lados complementares e não opostos, como se evidencia em alguns debates”.

KÁTIA EDMUNDO
Coordenadora Geral do Cedaps



“Foi muito bom receber um relatório específico da nossa escola, que servirá como norte para algumas mudanças pedagógicas que iremos fazer pra o ano letivo de 2011”.

MARIA CÂNDIDA DE PAULA BATISTA
Diretora adjunta da E.M. Silveira Sampaio

“Os desafios apontados no Megafone não são pequenos, pois envolvem medidas que vão além de questões pedagógicas, requerendo a participação das famílias, das comunidades, dos órgãos da administração pública e da sociedade como um todo”.

ANA LÚCIA LIMA
Diretora do Instituto Paulo Montenegro



“Eu gostei da oportunidade que foi dada aos alunos de falarem sobre a escola. Esse espaço acaba se perdendo e, sem querer, não damos voz a eles. Surpreendeu-me os alunos quererem continuar com o Megafone”.

DIONE SOUZA LINS
Professora de artes da E.M. República Argentina



“É surpreendente que professores e alunos possuam as mesmas ideias e ansiedades com relação aos problemas da escola e a capacidade de assumir, cada um, a sua parcela de responsabilidade no processo”.

HELIO TAVARES
Coordenador Pedagógico da E.M. Orestes Barbosa





“Eu gostaria de mostrar o resultado da pesquisa aos professores como parte do planejamento pedagógico da escola”.

JANE CORDEIRO DE OLIVEIRA
Coordenadora Pedagógica da E. M. Governador Carlos Lacerda



ALUNOS!

O MUNDO AO MEU REDOR

“Descobri valores muito importantes na vida, como família, amor, amigos, educação etc. e que pretendo levar para sempre. Achei que estaria perdendo tempo de me preparar para o ensino médio, mas percebi que estava aprendendo. Fiz amigos, conheci pessoas novas e, sabe, fiquei até mais popular. Eu e meus amigos ficamos conhecidos na escola como repórteres e pesquisadores”.

LUCAS GABRIEL RIBEIRO SILVA
Aluno da E. M. Mario Piragibe



“O Megafone possibilitou a reflexão sobre como intervir na nossa realidade, se apropriando de metodologias comunicacionais e participativas, tornando a escola um espaço de criação coletiva e laboratório de pesquisa para jovens intervirem de forma consciente e não serem meros espectadores”.

REGINA CLÁUDIA CARDOSO
Diretora da E. M. Bertha Lutz



O MEGAFONE PARA MIM

“Um projeto que eu via como um passatempo se tornou muito importante pra minha aprendizagem! Pude ver com outros olhos as escolas públicas do Rio! Agora, tenho o propósito de dar continuidade ao projeto, ajudando aos professores nas novas ideias que a escola conseguiu ter depois do Megafone!”

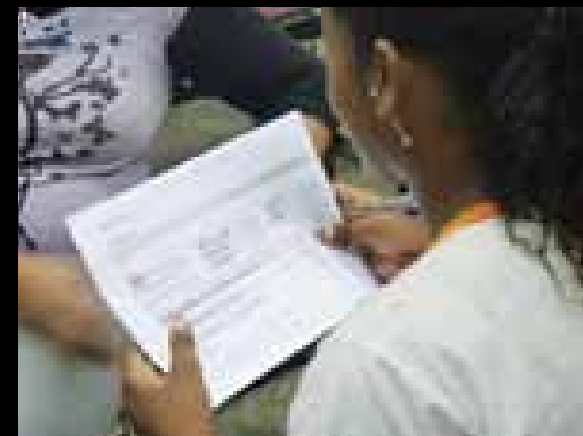
DIÓGENES MAGNO
Aluno da E.M. República Argentina.

“O Megafone ajudou muito a melhorar a minha timidez e a minha comunicação com o próximo. Aprendi a conviver melhor com as opiniões dos outros sem ao menos criticar, aprendi que todos têm problemas”.

LETÍCIA GOMES PINTO
Aluna da E. M. Waldemar Falcão

“Eu aprendi a não olhar (só) para o meu próprio umbigo, vi que outras pessoas têm problemas muito maiores que os meus. Eu achei super bacana essa iniciativa de adolescentes fazerem as entrevistas, porque só a gente sabe como é essa fase meio... estranha”.

LARA MARTINA
Aluna da E.M. Affonso Penna



O QUE O PROJETO MEGAFONE ME ENSINOU...

“Ouvir opiniões diferentes de alunos e professores, que a maioria das pessoas tem mania de generalizar. Não é porque somos alunos que pensamos igual. Somos seres pensantes e questionadores, e deveríamos ser ouvidos sempre. Aprendi que tenho voz, que ela deve ser usada correta e frequentemente, e que todo adolescente vale muito mais do que parece”.

MARIA CLARA DIAS
Aluna da E.M. Mário Piragibe



“Esses dados têm de ser aproveitados, têm de servir para políticas públicas, para discussões internas nas escolas. E que a escola realmente se motive a discuti-las, que proponha ações, que possa interferir e dialogar com a secretaria”.

HILLER SANTANNA
Coordenador Pedagógico da E.M. Jenny Gomes



“O diálogo foi aberto de forma rápida. Após o Megafone, os alunos passaram a se interessar pelos projetos internos da escola, a se preocuparem com a manutenção do espaço e os professores passaram a conversar mais com seus alunos”.

MÁRCIA VERÔNICA
Diretora da E.M. Café Filho





QUEM PARTICIPOU E MATERIAIS

POLO 4**E.M. Governador Carlos Lacerda**

JOSUÉ HENRIQUE CONCEIÇÃO,
PAULO PEREIRA JUNIOR
Alunos

JANE CORDEIRO,
COORDENADORA PEDAGÓGICA
Professora de referência

MÔNICA SARAIVA PEREIRA
Diretora

E.M. Professora Dyla Silvia de Sá

DANDARA APOSTOLO, JACKSON SANTOS
Alunos

MARILENE DE ARAUJO, DIRETORA ADJUNTA
Professora de referência

MARIA ANGELA BARBOSA
Diretora

E.M. Rosa do Povo

JULIANA CRISTINA, MARIA CAROLINA
DE CASTRO, POLYANA VIEIRA
Alunos

ELISA KORNER DE SOUZA,
PROFESSORA DE ARTES VISUAIS
Professora de referência

MÁRCIA ELIZABETH VICENTE
Diretora

E.M. Silveira Sampaio

CAROLINA LOPES, JONATHAS MARINS,
VANESSA DA SILVA
Alunos

MARIA CÂNDIDA BATISTA,
DIRETORA ADJUNTA
Professora de referência

DINORAH ROQUE
Diretora

POLO 5**E.M. Bertha Lutz**

ELIZABETH OLIVEIRA, LAURA AMANDA,
MATHEUS ANDRADE, WILIAN OLIVEIRA
Alunos

REGINA CARDOSO
Diretora e Professora de referência

E.M. Charles Dickens

AMANDA DA SILVA, DRIENE ALVES,
NATHALIA FERNANDES
Alunos

LUIZ ANTONIO VETTORAZZI
Diretor e Professor de referência

E.M. Emiliano Galdino

ALEXANDRE VIEIRA, GEYSE DA SILVA,
HIAGO CÉSAR, RODRIGO RIBEIRO
Alunos

CARLA DESIREE BRAGA,
PROFESSORA DE SALA DE LEITURA
Professora de referência

ANDREA BOTELHO
Diretora

E.M. Euclides da Cunha

ARIEL ROQUE, IASMIM GLÓRIA,
LOISE RIBEIRO, SILAS JOSÉ
Alunos

MARCOS SANT'ANNA,
PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA
Professor de referência

DENISE CARRILHO
Diretora

Ciep Ismael Nery

AMANDA CAETANA, ANGÉLICA BELICE,
FRANCISCO EDNARDO
Alunos

TATIANA PINHO,
PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Professora de referência

CLÁUDIA MEDINA
Diretora

E.M. Jardim Guararapes

DOUGLAS SANTOS, KEYLLA LOPES,
PAULO HENRIQUE, RAIANE DOS SANTOS
Alunos

ADOLPHO FERREIRA, PROFESSOR DE HISTÓRIA
Professor de referência

JORGE LEANDRO DE LIMA
Diretor

E.M. Mafalda Teixeira de Alvarenga

DANIEL REIS, INGRID DOS SANTOS,
MARINA ASSUNÇÃO, PÂMELA DE FREITAS,
RODRIGO GOMES
Alunos

ELIZABETH MAIA,
PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA
Professora de referência

MARIA DE LOURDES DOS ANJOS
Diretora

E.M. Milton Campos

DOUGLAS OLIVEIRA, LETÍCIA DE SOUZA
Alunos

KÁTIA REJANE BRAGA,
PROFESSORA DE CIÊNCIAS
Professora de referência

SÍLVIO ANDRADE
Diretor

E.M. Professor Castro Rabelo

MATHEUS LIMA, PAULO BREVES, ROBERTO
DE ALMEIDA, THAIS LOPES
Alunos

MARIA TAVARES, PROFESSORA DE INGLÊS
Professora de referência

EMILE ANDRADE E SILVA
Diretora

E.M. Roberto Morena

EDMAR FERREIRA, ELAINE GOMES,
LUANE VILELA
Alunos

ROSSANA LIZ, COORDENADORA PEDAGÓGICA
Professora de referência

KÁTIA D'ARC COSTA
Diretora

Materiais de Referência

A divulgação e mobilização em torno da pesquisa contou inicialmente com o apoio de dois *folders*: um deles com as principais características e indicadores sobre a rede municipal de segundo segmento; e outro com a apresentação dos objetivos e o passo a passo do Megafone na Escola.

O aluno entrevistador recebeu camiseta e bolsa do projeto, caderno e caneta, além de marcadores de livro para serem entregues aos entrevistados, agradecendo a entrevista e convidando-os a continuar participando através da comunidade Megafone na Escola, criada no Orkut. Além disso, um blog foi criado para reunir as principais informações do projeto, fotos, lista de escolas, cronograma de oficinas, notícias etc.

Para o Dia do Megafone na Escola, foi preparado um *folder* para ser distribuído aos alunos, cartazes, CD com apresentação dos resultados, relatório completo e fotos do projeto, além de um DVD com um clipe e vídeos contando a história do Megafone e os vídeos produzidos pelos alunos durante as oficinas.

Materiais utilizados no projeto e registros:

- Questionário de alunos
- Questionário de professores
- Questionário de diretores
- Enquete respondida pelos alunos entrevistadores
- Registro do Encontro de Diretores
- Registro do Encontro de Especialistas



Conheça esses e outros materiais da Área de Educação no link Geração de Conhecimento e assista aos vídeos do Megafone na Escola no site www.desiderata.org.br.

Instituto Desiderata

Conselho Diretor

GUILHERME FRERING
Presidente

ANTONIA FRERING
Vice-Presidente

ARMÍNIO FRAGA
BEATRIZ CARDOSO
GERMANA LIRA BÄHR
HELOISA HELENA OLIVEIRA
LUCIANO HUCK
MARCOS SARVAT
PEDRO LEITÃO
RAFAEL MARTINEZ
SÉRGIO BERMUDEZ
WANDA ENGEL

Conselho Fiscal

JOAQUIM DIAS
EDUARDO POGGI
MARIA FERNANDA DIAS DE CARVALHO

Associados

GUILHERME MAYRINK VEIGA FRERING
ANTONIO LORENZO MAYRINK VEIGA FRERING
MARIA TERESA MAYRINK VEIGA FRERING
BRANCA MOREIRA SALLES
LUIZ DO AMARAL FRANÇA PEREIRA
MÁRCIA ORBE RODRIGUES
MARIA ANGELA NOGUEIRA
MAURO SALLES

Diretoria

BEATRIZ AZEREDO

Equipe Técnica

Área de Educação

ROBERTA COSTA MARQUES
Gerente

JOANA MILLIET
Analista de Projetos

Área de Oncologia Pediátrica

MÁRCIA REGIS
Gerente

LAURENICE PIRES
Analista de Projetos

Área Administrativa

VALÉRIA CANELLAS
Gerente

NATÁLIA CARCIONE
Assistente Administrativa



Rua Visconde de Pirajá, 550 / 1303
Ipanema – Rio de Janeiro – RJ
22410-901
Tel. 2529-8347 / 2540-0066
www.desiderata.org.br
desiderata@desiderata.org.br



REALIZAÇÃO:



www.desiderata.org.br

PARCERIA TÉCNICA E APOIO:

INSTITUTO
paule montenegro

ISBN 978-85-61279-04-2



9 788061 279042